

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Cristina Máximo Almeida

ARTIFÍCIOS RETÓRICOS COMO FORMA DE SEDUÇÃO
NAS CRÔNICAS HUMORÍSTICAS DE CARLOS EDUARDO
NOVAES E DE MAX NUNES

Mestrado em Língua Portuguesa

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Cristina Máximo Almeida

**ARTIFÍCIOS RETÓRICOS COMO FORMA DE SEDUÇÃO NAS
CRÔNICAS HUMORÍSTICAS DE CARLOS EDUARDO NOVAES E DE
MAX NUNES**

Mestrado em Língua Portuguesa

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Maria Cristina Máximo Almeida

**ARTIFÍCIOS RETÓRICOS COMO FORMA DE SEDUÇÃO NAS
CRÔNICAS HUMORÍSTICAS DE CARLOS EDUARDO NOVAES E DE
MAX NUNES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora

Dedico esta pesquisa a todos que não desistiram de seus sonhos e viram, na paixão, uma maneira de descobrir-se e descobrir o outro. Aqui, representados por meu esposo e minhas filhas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força em todos os momentos difíceis nos quais pensei em desistir.

À minha família, disposta a se privar de minha companhia e dos momentos de lazer em todo meu processo investigativo. Em especial, a minha mãe que assumiu algumas de minhas funções para que esse sonho pudesse se realizar.

Aos amigos que acreditaram em mim e ajudaram as vagas palavras virarem um discurso significativo.

Aos professores doutores do programa, cada um, em sua especialidade, contribuiu com meu aprimoramento pessoal e profissional. Em especial, àqueles com quem pude conviver: Anna Maria Marques Cintra, Dieli Vesaro Palma, Jarbas Vargas Nascimento, João Hilton Sayeg Silveira, Luiz Antonio Ferreira, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Regina Célia Pagliucci da Silveira, Sueli Cristina Marquesi e Vanda Maria da Silva Elias.

Aos componentes da banca, Professor Doutor Inácio Rodrigues de Oliveira e Professor Doutor João Hilton Sayeg Silveira, pelas valiosas observações e pela gentileza e humor em apontar as inadequações de meu trabalho.

Ao meu orientador Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira, pelo seu conhecimento e determinação em ajudar a formular, por escrito, meus conhecimentos e anseios. Por sua paciência e delicadeza em todos os momentos, mesmo quando a ânimo parecia se findar.

RESUMO

Esta dissertação objetiva responder se há técnicas retóricas específicas para provocar o humor no gênero crônica. Com esse intuito, analisa, por meio dos princípios da retórica, as crônicas humorísticas: “A Momolândia”, de Max Nunes, e a “A Idade da Pedra”, de Carlos Eduardo Novaes. Num primeiro momento, vale-se dos estudos retóricos para buscar os meios de analisar a amostragem escolhida, os dados sobre a argumentação e os elementos que auxiliam o processo persuasivo, entre eles, os operadores argumentativos, as figuras, em especial as retóricas, e os tipos de argumentos. Para legitimar a análise retórico-argumentativa, recorre-se também a autores ligados à Linguística Textual e Psicologia Social. Quanto à presença do humor e sua função nas crônicas, busca-se a contribuição dos autores ALBERTI (2011), BERGSON (2001), MINOIS (2003) que proporcionam uma reflexão do papel do humor e do riso na sociedade a partir de técnicas humorísticas. Desse modo, pela associação de técnicas argumentativas e especificidades da criação humorística, aponta-se o modo como os autores desenvolveram discursos persuasivos e convincentes. As crônicas selecionadas evidenciam a presença da retórica da sedução e, embora os autores pratiquem estilos composicionais díspares e as crônicas tenham sido escritas em épocas distintas, verifica-se a predominância de técnicas retórico-humorísticas semelhantes, com pequenas variações ligadas ao próprio tema desenvolvido. Há, nas crônicas analisadas, ocorrência de figuras retóricas de comunhão e escolha, como a metáfora e a ironia, que aproximam orador e auditório. Observa-se a predominância do gênero epidítico e dos raciocínios dialéticos e apodíticos, que partem de premissas prováveis ou verdadeiras e, nesse sentido, também aproximam o orador do auditório. Os autores analisados valem-se de provas extrínsecas, usadas para assegurar a veracidade dos fatos abordados, e de operadores, principalmente os que apontam conclusões contrárias. Quanto à constituição argumentativa, verifica-se a presença de argumentos de incompatibilidade, de ridículo e de dissociação. No que tange às técnicas próprias do humor, a incongruência e o caráter transgressor constituem a tônica composicional dos autores analisados e evidenciam uma relação com dados pertencentes à Psicologia Social, à qual se faz referência na investigação. Conclui-se que a articulação intra e entre as partes do discurso, *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*, é a principal responsável na persuasão dos diferentes auditórios. Constata-se, ainda, que o gênero crônica humorística não se limita a fazer humor com fim em si mesmo, nem tem o propósito de apenas argumentar. Ele tem, sim, um caráter transgressor e busca denunciar a realidade por meio da comicidade. O humor e argumentação se fundem em um único discurso e dizem seus limites.

Palavras-chave: artifícios retóricos, sedução, argumentação, humor.

ABSTRACT

This dissertation aims to answer whether there are specific techniques to cause humor in the chronicle genre. For such purpose, it analyzes, by means of rhetorical principles, the humorous chronicles: “A Momolândia”, by Max Nunes, and “A Idade da Pedra”, by Carlos Eduardo Novaes. At first, it draws on rhetorical studies to seek the ways to analyze the chosen samples, the argumentation data, and the elements that assist the persuasion process, including the argumentative operators, the figures, specially the rhetorical ones, and the types of arguments. In order to legitimize the rhetorical-argumentative analysis, it also comes to authors linked to Text Linguistics and Social Psychology. Regarding the presence of humor and its function in the chronicles, this dissertation uses the contribution of the following authors: ALBERTI (2011), BERGSON (2001), MINOIS (2003) who provide reflection on humor and laughter roles in the society starting from humorous techniques. Therefore, by associating argumentative techniques and specific characteristics of the humorous creation, it shows the way authors develop persuasive and convincing speeches. The selected chronicles emphasize the presence of the rhetoric as seduction and, although the authors practice different compositional styles and the chronicles have been written in distinct period, we can verify the predominance of similar rhetorical-humorous techniques, with small variations connected to the developed theme itself. In the analyzed chronicles, there are rhetorical figures of communion and choice, as metaphor and irony, which bring the speaker closer to the audience. The epidictic genre and the dialectical apodictic reasoning, which start from probable and true premises, prevail as well and, therefore, also bring the speaker closer to the audience. The analyzed authors make use of extrinsic evidences, to assure the veracity of the mentioned facts, and operators, especially the ones that present opposite conclusions. Regarding the argumentative constitution, we can verify the presence of incompatibility arguments, ridicule and dissociation. Concerning the intrinsic humor techniques, the incongruity and the transgressive character constitute the analyzed authors’ compositional tonic and present a relation to Social Psychology data, which is mentioned in the investigation. We conclude that the articulation in and between the parts of speech, inventio, dispositio, elocutio and actio, is the main responsible for the persuasion in different audiences. It is verified yet that the humorous chronicle genre is neither limited to promoting humor as an end in itself, nor it intends just to argue. It has indeed a transgressive character and aspires to raise the reality by means of comedy. The humor and the argumentation fuse into one speech and decimate their limits.

Keywords: rhetorical artifices, seduction, argumentation, humor.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 – A RETÓRICA.....	14
1.1 – História	14
1.2 – Função	17
1.3 – Dialética	17
1.4 – Componentes essenciais para análise retórica: ethos, pathos e logos.....	18
1.4.1 – Ethos	19
1.4.2 – Logos	20
1.4.3 – Pathos	20
1.4.4 – Ethos, logos e pathos.....	21
1.5 – Gêneros retóricos.....	21
1.6 – Sistema retórico	22
1.6.1 – Inventio	23
1.6.2 – Dispositio	23
1.6.3 – Elocutio	24
1.6.4 – Actio	24
1.6.5 – Memória	24
1.7 – Lugares retóricos	25
1.8 – Arte da argumentação.....	26
1.8.1 – Argumentação.....	26
1.8.2 – Recursos que apontam a orientação argumentativa: operadores argumentativos.....	29

1.8.3 – Técnicas argumentativas.....	30
1.8.3.1–Figuras.....	30
1.8.3.2–Tipos de argumentos.....	31
2 – CRÔNICA E HUMOR.....	37
2.1– Gênero.....	37
2.2–Crônica	38
2.2.1–Origem.....	38
2.2.2–Crônica no Brasil	39
2.3– Riso e humor.....	41
3 – ARTIFÍCIOS RETÓRICOS COMO FORMA DE SEDUÇÃO.....	44
3.1– Max Nunes.....	45
3.1.1–Crônica: A Momolândia	47
3.1.2–Análise da crônica: A Momolândia	48
3.1.2.1–Espaço retórico: contexto, raciocínio e gênero (inventio).....	48
3.1.2.2–Sistema retórico: dispositio, elocutio e actio.....	55
3.1.2.3–Recursos persuasivos: figuras, operadores argumentativos, argumentos e humor.....	59
3.2– Carlos Eduardo Novaes.....	71
3.2.1–Crônica: A idade da Pedra.....	72
3.2.2–Análise da crônica: A idade da Pedra	74
3.2.2.1–Espaço retórico: contexto, raciocínio e gênero (inventio).....	75
3.2.2.2–Sistema retórico: dispositio, elocutio e actio.....	82

3.2.2.3–Recursos persuasivos: argumentos, operadores argumentativos, figuras e humor.....	91
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
--	------------

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa aborda como tema principal os artifícios retóricos como forma de sedução em duas crônicas humorísticas específicas: “A Momolândia”, de Max Nunes (1997) e a “A Idade da Pedra”, de Carlos Eduardo Novaes (1995). Investigamos as diferentes técnicas e recursos que os retores empregam nos discursos a fim de seduzir seus leitores e provocar-lhes aceitação ou recusa. A base da teoria pesquisada e aplicada à análise é a retórica apresentada por Aristóteles (2012) e a nova retórica de Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996). Nosso estudo leva em conta que não há dissociação entre a subjetividade expressa nos discursos analisados e a objetividade das teorias apresentadas e, a partir dessa hipótese, analisamos os artifícios retóricos indutivamente, pois partimos das crônicas para aplicar as teorias.

No desenvolvimento da pesquisa, consideramos questionamentos como:

- *Há técnicas específicas para provocar o humor na crônica?*
- *A argumentação e o humor podem ser explorados simultaneamente em um discurso?*

Para responder a essas questões, traçamos como objetivos: identificar os artifícios retóricos usados pelo orador da crônica humorística a fim de persuadir o auditório; demonstrar que os cronistas analisados envolvem, naturalmente, a argumentação e o humor em seus textos para provocar adesão; e verificar se os autores Carlos Eduardo Novaes e Max Nunes, com estilos diferentes, usam os mesmos artifícios retóricos para a produção do humor em seus textos.

Na seleção do corpus, consideramos, em primeiro lugar, a crônica por se tratar de um gênero híbrido e envolver uma heterogeneidade tipológica, argumentação e narração, além de proporcionar uma leitura agradável e refletir a subjetividade do orador. A mistura de gêneros e tipologias faz a análise ficar mais ampla, porque não se limita a uma única estrutura. A crônica, além de provocar uma reflexão sobre os temas propostos, aproxima o auditório, pois se refere ao cotidiano e isso proporciona agradabilidade ao leitor. A subjetividade do autor é outra característica marcante da crônica que auxilia nesta aproximação com o leitor, o qual se vê em um processo interativo.

Ainda em relação à seleção do corpus, quanto aos autores Max Nunes e Carlos Eduardo Novaes, fizemos a escolha a partir da qualidade de seus textos, do estilo humorístico e do fato de esses autores ainda não serem investigados pelos analistas da retórica, o que traz à nossa pesquisa um caráter singular.

Os textos “A Momolândia” e “A idade da pedra” tratam de assuntos diferentes. Enquanto o primeiro sugere uma reflexão sobre acontecimentos ocorridos no Brasil, com um estilo criativo e cômico, o segundo tem características mais universais e aborda o cotidiano de uma família diante de um problema simples, mas levado ao extremo da crise existencial pela perspicácia do autor.

Esta pesquisa é desenvolvida a partir do procedimento teórico-analítico, uma vez que nela se associa a análise das referidas crônicas escolhidas à teoria retórica aristotélica e à nova retórica apresentada por Perelman; Olbrechts-Tyteca(1996), e apoia-se em estudos da Psicologia Social para entender o comportamento de personagens que representam estereótipos da sociedade, além de recorrer a estudiosos da Linguística Textual no tocante a elementos estritamente linguísticos e tipológicos.

Para dar o embasamento teórico, retomamos o estudo de diferentes autores ligados a essas áreas do conhecimento. Os mais relevantes para a nossa investigação sobre a retórica, seus recursos e elementos foram: Aristóteles (2012), Ferreira (2010; 2012), Meyer (2007), Mosca (2004), Perelman ; Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2004). Quanto ao estudo do humor, recorreremos a Alberti (2011), Bergson (2001), Minois (2003), Possenti (1998). No que se refere à psicologia e sociologia, pesquisamos as obras de Aries (1981), Dias (2010), Jung (2000), Myers (2011) e sobre gêneros e argumentação nos apoiamos também nos conceitos e definições de Bakhtin (2003), Grácio (2011), Koch (2004) e Travaglia (1990; 1992; 2007).

Quando o discurso é bem elaborado, é capaz de movimentar emoções e atingir os objetivos do orador. Há uma vasta bibliografia a esse respeito, porém entendemos que ainda se tem muito a explorar a fim de elucidar quais os caminhos retóricos usados pelo humorista a fim de seduzir, convencer e persuadir o auditório. A crônica humorística é um meio pelo qual valores são questionados e devido a seu caráter humorístico, muitas vezes, há uma focalização apenas no humor e não se identificam as críticas subliminares presentes. A relevância desta pesquisa está em

ampliar os conhecimentos referentes à análise retórica e proporcionar um olhar investigativo a esse gênero que foge aos padrões estruturais dos textos acadêmicos e está ligado à singularidade do cotidiano, mas, nem por isso, torna-se simplista.

Com o intuito de elucidar as informações presentes nos diferentes capítulos, é adequado apresentar os assuntos abordados em cada um deles. O primeiro capítulo intitulado “A Retórica” tem como objetivo levantar dados sobre os principais conceitos e alguns autores que abordam, defendem ou contestam o uso da retórica em uma linha temporal crescente. Ainda no capítulo um, elencamos os itens que podem ajudar na construção da argumentação, como operadores argumentativos, figuras e tipos de argumento. Discorreremos sobre esses dados, pois são bases fundamentais para a análise retórica de nosso corpus.

No segundo capítulo, abordamos alguns pontos importantes relacionados à evolução da crônica e sua função desempenhada na sociedade brasileira, assim como também expomos algumas técnicas relacionadas ao riso e ao humor e autores dedicados a seu estudo.

No terceiro e último capítulo, realizamos as análises das crônicas selecionadas para o nosso corpus, tendo como referencial a teoria retórica pesquisada. É feita uma divisão por tópicos, que objetiva a clareza de raciocínio e a aplicabilidade da teoria no discurso.

Nas considerações finais, apresentamos um levantamento dos artifícios retóricos usados pelos dois cronistas: Max Nunes e Carlos Eduardo Novaes e, a partir desses dados, apontamos se há ou não um fator específico, como estilo ou gênero que determina o uso de certos recursos.

CAPÍTULO I

A RETÓRICA

Este capítulo apresenta uma síntese da história da retórica e como alguns estudiosos contribuíram para sua evolução. É relevante informar que nos limitamos a dados pertinentes a esta dissertação.

1.1 História

[...] mesmo nas sociedades modernas, a argumentação não é um empreendimento perfeitamente livre que pode ser exercido a qualquer momento, seja por quem ou sobre que tema for. Como todas as modalidades de expressão do pensamento, ela não pode intervir se não for previamente aceite que o debate é aberto e conferido o direito à palavra àquele que se propõe defender ou justificar uma posição. [...] Num grupo social, seja ele qual for, há interditos estabelecidos. Eles referem-se quer a palavras quer a actos, pelo menos quando as palavras têm uma dimensão suficientemente pública para serem assimiladas a actos. A argumentação não é possível senão no interior das margens que delimitam estes interditos. Tais interditos não são especulativos. Apoiam-se na força e a sua violação traduz-se em medidas que atingem a pessoa no plano físico, social e moral: exclusão, marginalização, silêncio e, quando são ditados por uma autoridade dotada de poderes jurídicos ou de facto, por perseguições, condenações, privação de liberdade, de estatuto, de bens, da própria vida (OLÉRON apud GRÁCIO, 2011).

A retórica já passou por muitas etapas desde o surgimento até os nossos dias. Mas há um aspecto comum a qualquer época: o homem. Falar de retórica é falar do homem, como ser pensante, que constrói seu discurso a partir de técnicas usadas conscientemente ou não. No decorrer da história, a retórica recebeu e continua recebendo diferentes conceitos. Por isso, é usada com diferentes concepções nos diversos discursos, ora com a intenção de convencer pela razão, ora com a intenção de buscar a adesão por meio das paixões.

Definir com exatidão o surgimento da retórica é missão muito difícil, pois desde que o homem tentou persuadir seu semelhante pela primeira vez, ela se fez presente. Historicamente, porém, surge na Grécia, entre 480 a.C., com a vitória dos gregos sobre os persas, e 399 a.C., com a morte de Sócrates. (REBOUL, 2004)

Segundo Reboul (2004), o surgimento da retórica coincide com o momento democrático, quando nos últimos tempos da tirania na Grécia, aparecem os sofistas,

intelectuais que professam o emprego da sabedoria, a fim de defender os espoliados na conquista de seus bens. Para auxiliá-los junto à justiça, Córax e Tísias publicam uma coletânea de preceitos intitulada “arte retórica”, considerada o primeiro tratado de retórica que tem como objetivo apontar a verossimilhança de uma tese sem valorizar a verdade.

Depois de Córax, outros homens passam a usar a retórica como recurso. Entre eles temos Górgias, um dos fundadores do discurso epidíctico, que aproxima esse discurso do judiciário e do deliberativo. Ele fica conhecido por apresentar um discurso eloquente e ornamentado de figuras com a finalidade de encantar o auditório. Entre seus discípulos está Protágoras.

Protágoras é sofista, ensina eloquência, filosofia e a técnica erística, a arte de vencer uma discussão contraditória. Defende a tese de que o “homem é a medida de todas as coisas” (REBOUL, 2004, p.7).

Os sofistas criam “a retórica como a arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático global que se fundava numa visão de mundo” (REBOUL, 2004. p.9) no qual os interlocutores sempre negociam a verdade e buscam um acordo por meio da discussão e da argumentação. Os sofistas defendem, também, a busca do sucesso com estilo e aparência da lógica, sem a preocupação com a verdade universal, mas com o domínio por meio de palavras.

Platão é contra os sofistas e acusa-os de falsos, pois defendem qualquer causa independentemente de estar a serviço ou não da verdade. Considera-os opostos à Filosofia, assim como vê a Retórica oposta ao pensamento justo, portanto, imagem manipuladora do discurso enganador e falso.

Segundo Reboul (2004), Isócrates propõe uma retórica mais moral, ao defender seu uso apenas em causas nobres e honestas, diferentemente dos sofistas. Para ele, o orador deve ter aptidões naturais, prática constante e ensino sistemático. É contra os sofistas, mas não defende o posicionamento de Platão, pois para Isócrates, a filosofia é a retórica centrada na arte oratória.

Já para Aristóteles (2012), a retórica é útil diante de um impasse, pois apresenta todas as vertentes de um problema a fim de que os interlocutores tenham condições de expor não só os argumentos falsos e verdadeiros necessários à persuasão, mas também identificar quando isso é possível.

A retórica faz-se necessária sempre que houver a necessidade de comunicação, de exposição de ideias e de opiniões. Ela pode trazer certezas em suas conclusões, mas alerta que nem toda situação oferece uma certeza, pois o orador pode defender pareceres diferentes, dependendo de seus objetivos, como por exemplo, a manipulação do auditório, ou a crença no que diz.

A retórica, após Aristóteles e Isócrates, instala-se na cultura grega e, a partir do século I a.C., na cultura romana, com Cícero e Quintiliano, cujas obras são exemplos autênticos da retórica. Em Roma, com seu surgimento, há o desenvolvimento de uma teoria das figuras de estilo e a ênfase à emoção na linguagem poética, literária e romanesca, além do cuidado com a linguagem e a preocupação em transmitir suas intenções ao auditório.

Reboul (2004) apresenta-nos Cícero como um grande defensor da retórica e amante de textos que evidenciam o verdadeiro orador, para o qual não há necessidade de cursos a fim de se ensinar técnicas de eloquência, “se houver nobreza nas próprias coisas de que se fala, das palavras brotará uma espécie de fulgor natural” (CÍCERO apud REBOUL,2004).

Quintiliano é seguidor das ideias de Cícero e para ele a funcionalidade da retórica é evidente e o estilo é um aliado ao objetivo proposto pelo discurso. Quintiliano inclui a gramática no campo retórico e a reconcilia com a ética.

A retórica, neste período, é uma disciplina do currículo escolar, porém passa a ser usada artificialmente, por meio de exemplos fictícios e até mesmo inverossímeis como salienta Reboul (2004), o que, associado ao posicionamento de outros filósofos que a separam da dialética, aponta para seu declínio.

Mesmo a retórica sendo ameaçada ao longo dos séculos, ela sobrevive no ensino literário, nos discursos políticos e jurídicos, como também se renova com a comunicação de massa, a propaganda, a publicidade do século XX e a nova retórica de Perelman; Oldebrechts-Tyteca (1996), que conserva, de Aristóteles, a definição com vistas à persuasão, à adesão do auditório, ao mesmo tempo em que combate o racionalismo estrito e considera possível o convívio harmonioso de razão e emoção na argumentação.

Nesse novo conceito de retórica, é necessário um questionamento, uma dúvida, algo que gere uma diferença entre o orador e o auditório e ao negociar essa diferença, busca-se um acordo entre os dois. Ratificando essa visão, encontramos,

em Meyer (2007, p. 26), a retórica como “a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram”.

1.2 Função

Assim como a retórica apresenta muitos conceitos, possui também várias funções. Entre elas, mencionamos as citadas por Reboul (2004): persuasiva, hermenêutica, heurística e pedagógica.

A função persuasiva está ligada a um dos conceitos da retórica que é a arte de persuadir. Ao praticá-la, o orador pode usar de afetividade para seduzir o auditório por meio do logos, usar a própria emoção desse auditório a fim de conquistá-lo, ou ainda, lançar mão da racionalidade por meio de argumentos. Ela convive com dois aspectos, o argumentativo e o oratório. No primeiro, há o peso dos argumentos e, no segundo, a inflexão da voz, o tom e os gestos do orador.

Já a função hermenêutica fixa-se na interpretação de textos. É necessário que o orador saiba que seu discurso não está isolado, e por isso, precisa saber com quais discursos dialoga para debater ou concordar com eles. Também precisa compreender a fala do outro, para ser seduzido.

A função heurística refere-se à descoberta de qual argumento é mais verossímil, está mais próximo da verdade. O orador busca as informações necessárias para saber quem é seu opositor, o que faz, por que está participando desse debate a fim de vencê-lo.

Por fim, a função pedagógica faz parte das estratégias do discurso pedagógico, em que o professor argumenta sobre seu posicionamento, assim como questiona o do aluno. O orador ensina e avalia a partir de critérios que segue.

1.3 Dialética

Segundo Reboul (2004), a dialética é um jogo em que se devem respeitar as regras da lógica e ter como objetivo convencer seu adversário, independente de o argumento ser verdadeiro ou falso. O que vem ao encontro de Aristóteles na definição do raciocínio dialético, como aquele que “parte de opiniões geralmente

aceitas”, prováveis, em oposição a Platão, para quem a dialética estava a serviço apenas das premissas verdadeiras.

Por ser a dialética um jogo verbal, para refutar o oponente, são necessários truques e formas de argumentação. Porém, segundo Aristóteles, são necessárias regras para esse jogo, e elas devem ser respeitadas. Algumas delas são: as de clareza e as de raciocínio que orientam o orador e permitem que ele chegue à conclusão em um tempo limitado.

A dialética também apresenta alguns benefícios secundários, como os ligados ao uso pedagógico, filosófico e social (homilético). Quanto ao uso pedagógico, está ligada à aprendizagem da arte de argumentar sobre qualquer assunto, mesmo que não se chegue a nenhuma verdade. Em relação ao uso filosófico, a dialética, além de desempenhar papel epistemológico, dá ao filósofo competência de formular proposição, objeção e de buscar a verdade. Enquanto à função homilética, ela estabelece a relação entre as pessoas; o que é próprio da retórica.

Reboul (2004, p.35) apresenta os argumentos usados por Aristóteles para provar que a dialética e a retórica estão em um mesmo plano, pois ambas:

- a- podem provar uma tese e seu contrário;
- b- são universais;
- c- podem ser ensinadas, logo, são técnicas;
- d- conseguem distinguir o verdadeiro e o aparente;
- e- utilizam os mesmos tipos de argumentação: a indução e a dedução.

Apesar das semelhanças, elas não designam a mesma coisa, já que a retórica é uma aplicação da dialética e a usa como meio de persuasão, de convencimento. Enquanto a dialética é um jogo especulativo, a retórica é um instrumento de ação social, cujo domínio é o deliberativo.

1.4 Componentes essenciais para análise retórica: *ethos*, *logos* e *pathos*

Com o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, somos remetidos aos três problemas extremos e inseparáveis que o homem coloca para si mesmo desde sempre: o eu com o *ethos*, o mundo com o *logos* e o outro com o *pathos*. Com a retórica, o eu, o outro e o mundo são implicados em uma interrogação em que o outro é solicitado como auditório, como juiz e como

interlocutor, posto que é instado a responder e a negociar (MEYER, 2007, p.30).

Meyer (2007) analisa esses três elementos, *ethos*, *pathos* e *logos* como essenciais para que haja a retórica e não há como privilegiar apenas um deles e se esquecer dos outros, pois estão intimamente ligados. Já para Aristóteles, essa tríade são argumentos de persuasão (REBOUL, 2004).

1.4.1 Ethos

O *ethos* é a imagem que o orador faz de si. Surge por meio do discurso, o qual se mostra a partir das escolhas linguísticas e estilísticas. Segundo Aristóteles (2012), o estilo e os temas devem ser apropriados ao tipo social, modo e costumes do *ethos*. Há, então, dois sentidos presentes na mesma atividade argumentativa, que paradoxalmente se contradizem e se complementam. Um voltado à moral e às virtudes como benevolência, honestidade, e o outro, ao sentido social, aos costumes e hábitos.

Quanto mais a imagem do orador parece honesta aos olhos do auditório, mais ela o seduz, tem sua adesão, conquista-lhe a confiança, além de passar a ter autoridade, o que a ajuda a responder aos anseios do auditório e é esse mesmo auditório, com suas expectativas, idade, nível social, quem direciona essa relação.

Sobre a importância do *ethos* para a persuasão, Aristóteles (2012, p.13) nos diz:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para a dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador.

O filósofo aponta três qualidades que tornam o orador persuasivo sem a necessidade de demonstrações e inspiram confiança ao auditório. São elas:

- a- *phrónesis* - sabedoria prática, prudência;
- b- *areté* – honestidade, virtuosidade;
- c- *eúnoia*– solidariedade, benevolência.

Essas qualidades não se dão independentemente da situação na qual o discurso ocorre, ou seja, a cada situação, o orador busca argumentos razoáveis que lhe garantam a imagem de honesto e virtuoso diante do auditório, por isso o orador deve ter, ou mostrar que tem autoridade, moralidade sobre aquilo que fala.

1.4.2 Logos

Para Aristóteles (2012) é o *logos* que define as três dimensões da retórica, a linguagem, o discurso e a racionalidade, enquanto o *pathos* e o *ethos* são de ordem afetiva. Ele tem a força da persuasão e com seus argumentos, ou estilo, emociona e comove o auditório, convence em e por si mesmo. Segundo o filósofo, o *ethos* e o *pathos* só pertencem à arte retórica, quando se constituem no e pelo discurso.

O *logos* deve expressar perguntas implícitas ou explícitas que gerem respostas que possam remeter a outros questionamentos. Porém, muitas vezes, como em um círculo vicioso, a resposta apenas traduz a pergunta, não se evolui na comunicação. O sentido é gerado, então, pelo próprio questionamento o qual deve ser partilhado pelo orador e pelo auditório. Se não houver uma questão precisa, não haverá também compreensão.

1.4.3 Pathos

Já o *pathos* é o conjunto de paixões provocadas no auditório com o discurso do orador, ou seja, com o *logos*. Dependendo da atitude do orador, ele provoca diferentes paixões, o que faz da emoção, o elo que liga os valores compartilhados pelo auditório e pelo *ethos*.

O *pathos* deve ser a expressão do tema desenvolvido, do *ethos* do orador e do caráter do auditório e cabe a este último avaliar a conveniência da expressão afetiva do orador. Para tanto, precisa abrir mão de dois sistemas inferenciais, uma *tópica das paixões* e uma *semiótica das paixões*. Esta está relacionada à maneira de reagir, suas palavras, gestos, e aquela, às inferências dedutivas a partir de situações comuns.

1.4.4 Ethos, logos e pathos

Para Aristóteles (2012, p.13), “as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar”.

Enquanto o auditório é movido por paixões, emoções e opiniões, o logos é o trabalho sobre a elaboração do discurso e é responsável pelas perguntas a serem respondidas pelo *ethos*. Essas perguntas são transformadas em respostas, mesmo que apenas retoricamente e carregam em si a subjetividade e suas paixões, entre elas a dor, o desespero, ódio, amor, ciúmes.

Já não se distingue mais o que é pergunta daquilo que se tem como resposta, uma vez que se volta ao sentido das paixões, de acordo com as quais podem surgir um julgamento positivo ou negativo.

A resposta dada pelo auditório pode ter diferentes possibilidades, ele pode aderir à pergunta dada, assim como recusar, modificar ou completá-la, silenciar-se como sinal de aprovação, reprovação ou indiferença. Logo, as paixões do auditório devem ser levadas em consideração, uma vez que se depende delas para a adesão ao orador.

Há diferentes objetivos ao dialogar, discutir ou debater: ou buscamos a adesão do interlocutor, como se nosso discurso fosse verdade; ou vemos, no interlocutor, um adversário do qual temos que ganhar a disputa dialógica; ou ainda visamos, nas discussões diárias, à persuasão e à tomada de atitude imediata. É nesse último que encontramos um espaço farto para a execução da argumentação.

Para Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996, p.46), é “a análise da argumentação dirigida a outrem que nos fará compreender melhor a deliberação consigo mesmo”.

1.5 Gêneros retóricos

Aristóteles (2012), em relação à retórica, classifica os gêneros em três: judiciário, deliberativo e epidítico.

O judiciário dirige-se ao tribunal e tem o papel de acusar ou defender. O tempo é o passado, do qual retira informações para seus atos. O valor que o serve

de norma é o justo e o injusto e, nos discursos, para atingir seus fins, utiliza o método dedutivo, por meio de raciocínios silogísticos e entimemas.

Já o deliberativo tem como auditório a assembleia e tem o papel de aconselhar ou desaconselhar. O tempo é o futuro e os valores que o orientam são o útil ou o nocivo. Para alcançar o auditório, usa o argumento pelo exemplo e o método indutivo.

O epidítico, por sua vez, tem como auditório os espectadores de discursos de ostentação e usa a censura e o louvor, por isso é constituído por elogios e trechos solenes. Tem o presente como tempo e os valores utilizados são o nobre e o vil e, em seus discursos, uma vez que os acontecimentos já são conhecidos pelo auditório, utiliza a ampliação a fim de lhe ressaltar a nobreza ou a sua falta. Esse tipo de discurso orienta escolhas futuras, possui um estilo atraente e agradável e nele o auditório tem papel fundamental, pois é quem o aprova ou o recusa.

Quando os teóricos posteriores a Aristóteles mesclam o objeto do discurso com o próprio discurso, ou seja, o belo com o valor estético, aproximam esse gênero mais da literatura do que da argumentação.

O epidítico corrobora para reforçar a ideia do discurso e leva o auditório a uma ação, a uma maior adesão. O “orador procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.57). Por isso, o orador que recorre a esse gênero é aquele mais tradicional, que não busca temas contraditórios, mas busca temas que vão ao encontro do auditório.

1.6 Sistema Retórico

Ao repensar a retórica apresentada pelos sofistas, Aristóteles a transforma em um sistema que é acatado e completado por seus sucessores.

Esse sistema é composto por quatro partes ligadas às fases de uma produção discursiva. A *inventio*, invenção, que corresponde à busca pelos argumentos e elementos persuasivos; a *dispositio*, disposição, o plano no qual se encontra esses argumentos, a *elocutio*, elocução, ao estilo do discurso escrito e a *actio*, ação, o discurso e todos os elementos que o compõem.

1.6.1 *Inventio*

A invenção é a parte da investigação, na qual, para selecionar os argumentos, o orador escolhe o gênero adequado para seu discurso e para tal considera todo o contexto retórico que o envolve. Encontra os tipos de argumentos mais persuasivos e convincentes, aponta as provas a serem usadas e os lugares retóricos em que se encontram esses argumentos.

1.6.2 *Dispositio*

Já a disposição está ligada ao plano-tipo que visa à construção do discurso e se justifica pelas funções econômica e heurística. Ela é formada por quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração.

O exórdio é o início do discurso, cuja função é fática. Cabe à retórica do exórdio preparar o auditório e deixá-lo ciente do que vai ouvir. No discurso deliberativo, não se faz muito necessário.

Quanto à narração, orienta à acusação ou defesa e expõe os fatos. Suas qualidades são a clareza, brevidade e credibilidade. Faz-se mais necessária no discurso jurídico e no epidíctico.

A confirmação é o conjunto de provas seguido por uma refutação a fim de destruir os argumentos do adversário. Mas o orador deve tomar cuidado com a ordem que apresenta os argumentos, pois ela pode fazer com que a argumentação perca a sua força.

Já a peroração é a parte final do discurso, na qual se unem a afetividade e a argumentação. Pode ser longa e se assim o for, pode ser dividida em partes, a saber: amplificação, paixão e recapitulação.

Em qualquer lugar do discurso judiciário, mas principalmente entre a confirmação e a peroração, pode-se apresentar um momento de relaxamento, chamado de digressão, que visa a comover ou a indignar o auditório.

1.6.3 *Elocutio*

A elocução está ligada à escrita do discurso, ao estilo, por isso é a parte da retórica que mais se aproxima do orador. A preocupação com a escrita, sua clareza e regras deve ser constante para quem vai escrever a prosa oratória, porém a retórica cria uma estética da prosa funcional, na qual o efeito de estilo se justifica pela persuasão.

Para os latinos, há três gêneros de estilo, o nobre, que tem a função de comover, principalmente na peroração; o simples cuja função é informar e explicar, presente na narração e confirmação; e o ameno que busca agradar, presente na digressão e no exórdio.

A primeira regra do estilo é a da conveniência, na qual o orador deve adequar seu estilo ao assunto. A segunda, por sua vez, é a da clareza, em que o estilo a ser seguido pelo orador deve ser claro a fim de se atingir o auditório, porém podemos também encontrar discursos obscuros usados pelo orador como estilo para esquivar-se de algum fato, ou até mesmo, por falta de competência ao usar a linguagem.

A terceira regra refere-se à vivacidade, pois o orador não deve se esconder, mas ser dinâmico, vivaz. Como a vivacidade é quem define o orador, ele deve seguir as máximas, acompanhando as regras de estilo, como a escolha de palavras adequadas, o ritmo e a brevidade.

1.6.4 *Actio*

A ação é a proferimento do discurso e envolve não só as palavras, como os gestos, a voz e tudo que o orador usa para ativar as paixões do auditório e criar a imagem de si que deseja.

1.6.5 *Memória*

Reboul (2004) faz um breve comentário a respeito da memória e aponta seu papel na transmissão dos discursos realizados, principalmente, na antiguidade. Pois, nesse período, como a escrita não está presente incisivamente na prática diária, é à

memória que os antigos recorrem para pronunciar os discursos. Para os latinos ela era a arte de memorizar o discurso e constituía a quinta parte da retórica, (REBOUL, 2004).

Segundo ainda Reboul (2004), para Quintiliano, além de a memória ser um dom, é também uma técnica passível de ser aprendida e aplicada na articulação dos discursos. Ele aponta a técnica de decompor o discurso em partes e associar para cada parte um sinal mental, além de apresentar algumas considerações relevantes que facilitam a memorização, como a estrutura do discurso, a coesão e o encadeamento lógico dos períodos.

Mosca (2004) ressalta a recuperação do papel da memória nas sociedades modernas, nas quais a oralidade e a escrita deixam de ser tão distantes como o eram no período gutenberguiano e passam a conviver, simultaneamente, em muitas atividades comunicativas. A oralidade assume outra vez um papel importante, principalmente, nas diferentes mídias existentes.

A memória não é só um dom, como acreditava Cícero, pois quanto mais o homem apreende o conhecimento, mais tem condições de argumentar com seus opositores, fazendo da memória além de uma aliada dos oradores, uma facilitadora para a criatividade.

1.7 Lugares retóricos

Segundo Ferreira (2010, p.69),

lugares retóricos são grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório. O objetivo é indicar premissas de ordem ampla e geral, usadas para assegurar a adesão a determinados valores e, assim, rehierarquizar as crenças do auditório.

O orador busca nesses armazéns os argumentos que partilha com o auditório para alcançar sua adesão.

Aristóteles(2012) lança mão de um número grande de lugares (topói), enquanto Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996), na nova retórica, optam por itens mais gerais e agrupam-nos em: lugares da qualidade, da quantidade, da ordem, da essência, da pessoa e do existente. Mas sempre que o orador entender como

necessário e relevante, pode delimitar novos lugares e aplicá-los no discurso. Vejamos alguns deles e seus objetivos:

- a- Lugar da qualidade - o orador pretende valorizar um elemento em relação ao outro, a fim de exaltar sua superioridade.
- b- Lugar da quantidade – o orador busca argumentos quantitativos, que apontam estatísticas.
- c- Lugar da ordem - os argumentos usados indicam a superioridade dos anteriores sobre os posteriores.
- d- Lugar da essência – o orador invoca modelos de pessoas que possam representar uma determinada classe.
- e- Lugar da pessoa – o ato do indivíduo é enaltecido para apontar seu caráter e virtude.
- f- Lugar do existente – o orador aponta a superioridade do que existe, sobre aquilo que poderá existir.

1.8 Arte da Argumentação

Conviver com as pessoas requer, além de habilidades interacionais, diferentes conhecimentos, como o linguístico e o sociocultural. Saber o que argumentar e como argumentar faz parte de estratégias para se atingir objetivos em um processo discursivo.

1.8.1 Argumentação

Em Reboul (2004), encontramos quatro argumentos que ajudam a provar a utilidade da retórica.

- 1- O primeiro diz respeito à força dos argumentos justos e verdadeiros sobre os injustos.
- 2- O segundo aponta a habilidade de se usar a arte dos argumentos a fim de conseguir se sobrepujar sobre o adversário, mesmo que o seu argumento seja mais fraco.

- 3- O terceiro indica a necessidade de se poder argumentar tanto o favorável como o contrário, a fim de se entender a técnica do adversário para refutá-lo.
- 4- O quarto “liga a retórica à condição humana”.

Nesta seção, retomamos o assunto da dialética, mas agora a abordamos como argumentação. Segundo Aristóteles (2012), ela e a retórica fazem parte do mesmo plano, embora se desenvolvam de forma distinta. A diferença entre as duas é que a retórica com a colaboração da forma e do estilo desenvolve o raciocínio por meio de respostas, como se fosse um fato concluído. Já a argumentação parte da pergunta para desenvolver a linha de raciocínio.

Usando a retórica ou a dialética a fim de persuadir o auditório, o orador parte de provas que podem ser tanto extrínsecas como intrínsecas. As primeiras são as apresentadas antes dos argumentos, assim como os fatos conhecidos são apresentados antes do discurso epidíctico. Já as intrínsecas são formuladas pelo orador e dependem de seu estilo e competência.

Quanto às provas de persuasão, segundo Aristóteles, podem ou não pertencer à arte retórica, pois umas já são consolidadas, como os testemunhos e os documentos, outras, por sua vez, são criadas pelo orador a fim de conseguir seu intento. Podem estar centradas em três aspectos: no caráter moral do orador, na disposição na qual se encontra o auditório e no próprio discurso.

A argumentação busca a adesão, provocação ou até mesmo a transformação do auditório. Mas para que ela exista, é necessário comunidade intelectual e objeto de discussão. Isso se dá mesmo quando a deliberação for íntima, ou seja, o orador diante de uma indagação sobre a qual se questiona.

Se não houver uma questão entre o orador e o auditório, a argumentação não existirá, por isso é necessário que queiramos a adesão desse auditório e nos preocupemos com ele. Para atingir esse objetivo, o orador precisa preparar seu discurso e argumento. Em algumas situações, os meios, nos quais o discurso é veiculado, já preparam o contato com o auditório.

Para conseguir se dirigir ao auditório, o orador precisa ter condições mínimas para fazê-lo. A primeira é ser autorizado, depois verificar a atitude do auditório, o qual demonstra se há condições ou não de argumentação. Se não estiver disposto a

ouvir, ou é sinal de que não está interessado no assunto, ou sinal de recusa. Contudo, se exprimir interesse em ouvir, é porque mostrará a intenção de, pelo menos, deixar-se seduzir.

Vários autores dedicam-se ao estudo do auditório, entre eles Aristóteles, Cícero, Quintiliano e M. Millioud (apud PERELMAN ; OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Esses últimos sinalizam a importância de conhecermos a sociedade na qual vive o auditório para conseguir seduzi-lo e adaptar-nos a ele, uma vez que afirmam que a opinião do homem depende do meio social e das pessoas com quem convive.

Podemos, portanto, conhecer uma sociedade pelo discurso que lhe foi dirigido, pois se a intenção do orador é conseguir a adesão do auditório, deve conhecer esse auditório a fim de usar adequadamente os meios mais eficazes para não produzir um discurso inadequado, o que pode causar certos inconvenientes e, por que não dizer, um fracasso na comunicação, já que alguns argumentos são apropriados a algumas circunstâncias e são absurdos a outras.

Se em virtude de suas próprias paixões, o orador se esquecer do auditório, pode gerar a sensação da não-verdade, da falta de racionalidade. A partir dessa informação, podemos dizer que o auditório é responsável pelo orador e, por consequência, pela qualidade da argumentação, pois é quem se deixa persuadir ou não pelo discurso e com isso faz o orador se adequar a ele.

Muitas vezes, a busca pela adesão pode forçar o auditório a aceitar o discurso por meio da manipulação ou por que o orador é representante autorizado pela comunidade a passar valores reconhecidos por ela, é o caso do educador, que pode tornar seu discurso ameaçador quando tenta forçar a perpetuação de valores.

Há, portanto, duas maneiras de se conseguir o mesmo resultado, ora pela violência, ora pela adesão por meio da comunhão dos espíritos. A argumentação está ligada a esse segundo tipo, pois lida com a liberdade de juízos ao buscar a adesão do auditório por meio da persuasão racional, embora haja casos em que o orador abra mão dessa persuasão para não ferir seus princípios, conforme postulado por Quintiliano (apud PERALMAN ; OLBRECHTS- TYTECA, 1996): o orador perfeito deve persuadir bem, mas também deve dizer o bem.

1.8.2 Recursos que apontam a orientação argumentativa: operadores argumentativos

Toda língua tem recursos que apontam a orientação argumentativa de seus enunciados. Esses recursos são os operadores argumentativos, os modalizadores, os marcadores de pressuposição, os casos de pressuposição sem marcas linguísticas (os subentendidos) e os implícitos. Para a finalidade deste trabalho, apontaremos apenas os operadores argumentativos.

Os operadores argumentativos indicam a força argumentativa dos enunciados e colaboram com a conclusão a qual queremos chegar. Koch (2004, p.30 - 38) aponta alguns deles:

Quadro 1 - Operadores Argumentativos

Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala.	Até, mesmo, até mesmo, inclusive.
Operadores que somam argumentos de uma mesma classe argumentativa.	E, também, ainda, nem, não só.
Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados anteriormente.	Portanto, logo, pois.
Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.	Ou, ou então, quer...quer.
Operadores que criam relações de comparação entre elementos	Mais que, menos que, tão...como.
Operadores que indicam uma justificativa ou explicação.	Porque, que, já que, pois.
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.	Mas, porém, embora, apesar de.
Operadores que introduzem conteúdos pressupostos.	Já, ainda, agora.

Fonte: KOCH 2004, p.30-38.

1.8.3. Técnicas argumentativas

A fim de seduzir o auditório, o orador apoia-se em alguns artifícios que o ajudam em seus objetivos, como: estilo, linguagem, conteúdo, argumentos e figuras. No discurso, há a presença e interação de todos esses artifícios, embora o orador possa se dedicar mais a um do que a outro.

Nesta seção, delimitamos nosso estudo em duas técnicas argumentativas: figuras e tipos de argumentos, pois consideramos que, além de estarem presentes nos diferentes textos encontrados em nossa sociedade, desde os comuns, como um discurso informal entre amigos até os mais elaborados como os textos literários, corroboram muito para a sedução do auditório.

1.8.3.1. Figuras

A grande reformulação na maneira de abordar as figuras de retórica reside no fato de que passam a ser examinadas como figuras de discurso e não como figuras de palavras ou construções. São, portanto, figuras de texto, por desempenhar um papel na produção geral de sentido que nele se dá, isto é, participam de um procedimento discursivo de construção de sentido (MOSCA, 2004, p.38)

Segundo Reboul (2004), as figuras devem ser entendidas pelo auditório como um sentido mais específico que a própria palavra não consegue produzir, por isso o orador precisa recorrer a outro recurso. Elas não têm a função apenas de determinar um estilo, deixar mais trabalhado o discurso ou torná-lo mais elegante, mas também de ajudar na argumentação e assim contribuir com uma força emotiva que aproxima ou não auditório e orador.

Na concepção de Ferreira (2010, p.123),

a figura pode mesmo não ser imediatamente captada pelo auditório, mas seu efeito é sempre notado em função dos objetivos do orador: *movere* (emoção suscitada); *docere* (conhecimento transmitido), *delectare* (prazer oferecido). Todas pretendem atingir o efeito persuasivo.

Por sua vez, Guimarães (2004) aponta dois aspectos pelos quais as figuras vêm sendo marcadas, um é o efeito de concretude provocado no auditório e o outro é o distanciamento da linguagem padrão. Esses aspectos ratificam o posicionamento de Reboul (2004) mencionado acima. A autora ainda posta a subordinação da análise das figuras a uma análise argumentativa.

Em retórica podemos dizer que há, pelo menos, três grandes classificações em relação às figuras: presença, escolha e comunhão. Esses nomes não estão ligados a novos conceitos, mas aos efeitos pretendidos pelo orador.

Figuras de presença – despertam o sentimento de presença do objeto do discurso na mente do auditório. Podemos citar as figuras de repetição, anáfora, personificação, anadiplose, sinonímia e onomatopeia.

A figura de repetição além do papel de ratificar o objeto de argumentação pode exercer a função de distinção entre os termos.

Figuras de comunhão – apresentam um conjunto de características referentes ao acordo. Pretendem a participação ativa do auditório na exposição. Essa comunhão pode se dar por invocação da cultura, tradição, de fatos conhecidos entre o orador e o auditório. Entre elas, temos a alusão, enálage, citação, máximas, provérbios, pressuposição.

Figuras de escolha - estão presentes quando um fato é selecionado e contextualizado e o orador qualifica, caracteriza e interpreta-o de acordo com seu objetivo. Esse tipo de figura é muito usado em textos cuja intenção é provocar o riso. Temos como exemplo dessa figura, a metáfora, o epíteto, a hipérbole, a ironia, a antropomorfização, perífrase, antonomásia e a própria pergunta retórica.

1.8.3.2 Tipos de argumento

Muitos são os tipos de argumentos empregados pelos oradores com diferentes fins. Porém, selecionamos, entre os argumentos elencados por Reboul (2004) e Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996), aqueles que auxiliam a nossa análise.

Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996) ratificam a existência de argumentos que buscam estabelecer a sintonia entre o que a tese propõe e o que já se tem admitido pelo auditório. Esses argumentos são chamados de ligação e se reúnem em três

classes: argumentos quase lógicos, argumentos fundados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

I- Os argumentos quase lógicos, segundo Reboul (2004), são os que se assemelham aos argumentos que seguem a lógica formal, porém são passíveis de refutação por não terem valor conclusivo (e por isso são retóricos). Fazem parte dessa categoria os argumentos:

1- *Incompatibilidade*

As incompatibilidades variam de acordo com os meios e a cultura e estão vinculadas à retorção, ou seja, retomar o argumento do adversário e usá-lo contra ele mesmo (REBOUL, 2004). Há a impossibilidade de duas asserções serem simultaneamente verdadeiras.

Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996, p.223) usam, para ilustrar esse tipo de argumento, o exemplo de La Bruyère (s/d):

A neutralidade entre mulheres que são igualmente amigas nossas, conquanto tenham elas rompido por interesses em que não tínhamos participação alguma, é um pouco difícil: cumpre escolher entre elas ou perdê-las ambas.

Um dos argumentos de incompatibilidade é o argumento do ridículo, “o odioso desenvenenado, que não provoca escândalo, mas riso” (REBOUL, 2004, p.170). Não chega a merecer uma crítica severa, por isso podemos dizer que a ironia é a figura para esse argumento.

Perelman ; Olbrechts-Tyteca (1996, p.235), a fim de elucidar o argumento do ridículo, apresenta-nos um fato ocorrido na Bélgica em 1877:

o ministro católico da Justiça decide não processar, apesar da lei penal que proteja a liberdade do eleitor, os párocos que ameaçavam com penas do inferno suas ovelhas que votassem pelo partido liberal, o tribuno Paul Janson ridiculariza o ministro: este, duvidando da seriedade de semelhantes ameaças, comete “uma verdadeira heresia religiosa.

2- Definição

Quando se busca uma identidade entre o que é definido e o que define. “Toda definição é um argumento, pois impõe determinado sentido, geralmente em detrimento dos outros” (REBOUL, 2004, p.173). Segundo Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996), ela pode ser:

2.1- Normativa – impõe como convenção o uso de uma palavra que deve ser mantida durante todo o discurso para ser aceita. Esse tipo depende do acordo entre orador e auditório.

Um exemplo de acordo e definição é a fala de Oswald de Andrade(2000, p.99):

Aprendi com meu filho de 10 anos que poesia é o descobrimento das coisas que nunca vira antes.

2.2- Descritiva (ou real) – não se impõe mais o uso de uma palavra, mas sim o seu sentido corrente, ela pode ser verdadeira ou falsa. Podemos ilustrar com a definição de poesia do dicionário Houaiss (2009, p.1514):

Composição em versos (livres e/ou providos de rima), geralmente com associações harmoniosas de palavras, ritmos e imagens.

2.3- Condensada – definição descritiva que se restringe às características essenciais, omitindo-se as outras particularidades.

Poesia: arte de compor ou escrever versos (Houaiss, 2009, p.1514).

2.4- Complexa – combina de maneira variada, a normativa, a descritiva e a condensada.

3- *Sacrifício*

Esse tipo de argumento indica que algum sacrifício é realizado para a obtenção de um resultado esperado. Perelman ; Olbrechts-Tyteca (1996, p. 283) mostra-nos um exemplo apresentado por Bossuet (s/d) para esclarecer esse tipo de argumento:

E com efeito, cristãos, Jesus Cristo, que é verdade mesma, não ama menos a verdade que o seu próprio corpo; ao contrário, é para selar com seu sangue a verdade de sua palavra que ele houve por bem sacrificar seu próprio corpo.

II- Argumentos fundados na estrutura do real, para Reboul (2004), são aqueles que se valem da realidade para estabelecer um acordo com o auditório. Fazem parte dessa categoria, os argumentos:

- 1- Sucessão - não se trata de uma demonstração científica, mas de argumentar usando uma sucessão de fatos. O argumento usado é provável e quer estabelecer um juízo de valor. Podemos considerar, como exemplo para esse tipo de argumento, a informação de que uma determinada escola tem aprovação no Enem de 70%, nos vestibulares das melhores universidades do Brasil, 60% e os primeiros lugares nos cursos considerados difíceis, por isso é uma boa escola para o jovem brasileiro,.
- 2- Pragmático – “argumento que permite apreciar um ato ou um acontecimento em função de sua consequência” (2004, p.173). Ele inspira confiança, por ser verossímil.
Perelman ; Olbrechts-Tyteca (1996, p.303) recorrem a Locke(s/d), para ilustrar tal argumento.

Jamais se poderá estabelecer ou salvaguardar nem a paz, nem a segurança, nem sequer a simples amizade entre homens, enquanto prevalecer a opinião de que o poder é fundamentado sobre a Graça e de que a religião deve ser propagada pela força das armas.

- 3- Essência – argumento que prevê um fato ou explica-o a partir da essência do ser, pois é ela quem gera esse fato. A essência tem alcance ético.

O homem por natureza é bom, nasceu livre, mas sua maldade advém da sociedade (Rousseau).

- 4- Pessoa – argumento que ressalta a relação entre a pessoa e seus atos, esses são justificados por quem os pratica.

Esta luta durou minutos; o índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera, que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos à sua passagem.

Quando o animal, quase asfixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistência, o selvagem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da túnica e tirou uma corda de ticum que tinha enrolada à cintura em muitas voltas. (ALENCAR, 1992)

Identificamos, no trecho acima, um argumento de pessoa, uma vez que Peri é considerado um herói por seus atos, força e caráter.

- 5- Argumento de autoridade – justifica-se uma afirmação pelo valor de seu autor. A autoridade baseia-se na moralidade, no passado da pessoa, na revelação (religião). Ferreira (2010, p.166) recorre a uma propaganda para exemplificar esse argumento:

Se é Bayer, é bom.

- 6- Nexos simbólicos – todo orador para não falar no vazio, deve levar em conta os símbolos do auditório, por isso os símbolos estão ligados ao *pathos* e são de ordem puramente social e cultural. Como exemplo, podemos citar a cruz, símbolo do cristianismo.

III- Argumentos que fundam a estrutura do real, para Perelman ; Olbrechts-Tyteca (1996), são aqueles que generalizam uma situação em virtude de uma particularidade. Segundo Reboul (2004), eles criam ou completam a estrutura do real, no lugar de apenas se apoiarem nela. Entre os abordados pelos autores mencionados, discorreremos sobre os de exemplo, ilustração e comparação.

- 1- exemplo – o orador parte do fato à regra. Invalida, assim, um exemplo com outro exemplo que o conteste. (Reboul, 2004)

Assim como a única maneira de demonstrar respeito por aquele que sofre de fome é dar-lhe de comer, assim também o único meio de demonstrar respeito por aquele que se pôs fora da lei é reintegrá-lo à lei submetendo-o ao castigo que ela lhe prescreve. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 p. 402)

- 2- ilustração e analogia – a ilustração serve para reforçar a adesão, dar presença na consciência. A ilustração se distingue da analogia por envolver termos homogêneos, enquanto esta desenvolve termos heterogêneos. (REBOUL, 2004)

Abreu (2006, p.66) apresenta-nos um exemplo de Analogia, proferido por Ibn Al-Mukafa (s/d):

Quem põe seus esforços a serviço dos ingratos age como quem lança a semente à terra estéril, ou dá conselhos a um morto, ou fala em voz baixa a um surdo.

- 3- comparação – é um argumento por permitir justificar um dos termos a partir do outro.(2004)

Além dos argumentos de ligação, há também os de dissociação, que “são aqueles que procuram solucionar uma incompatibilidade do discurso para restabelecer uma visão coerente da realidade”. (FERREIRA, 2010, p.167)

Neste capítulo, falamos sobre a retórica, a argumentação e os artifícios que um orador pode se valer para seduzir, persuadir ou convencer seu auditório de forma consciente ou não.

CAPÍTULO 2 CRÔNICA E HUMOR

No capítulo I, refletimos sobre os gêneros na perspectiva retórica: o judiciário, o deliberativo e o epidítico. Agora, faremos uma abordagem na perspectiva literária e limitar-nos-emos ao gênero crônica, por se tratar de nosso corpus.

2.1 Gênero

Segundo Machado (2006), os gêneros literários que estudamos hoje têm sua gênese em Platão que, em um primeiro momento, distingue-os em sério, a epopeia e a tragédia; e em burlesco, a comédia e a sátira.

Em *A República*, Platão faz uma nova distinção, passa a considerar as relações entre realidade e representação e, então, elabora a tríade:

- I- gênero dramático: a tragédia e a comédia;
- II- gênero expositivo ou narrativo: o ditirambo, o nomo;
- III- gênero épico e poesia lírica: misto.

Aristóteles, em *Poética*, apoiado na tríade elaborada por Platão, discrimina o gênero lírico como imitação poética de primeira voz, que corresponde à palavra cantada. Ao gênero épico, corresponde a palavra narrada e é imitação poética de segunda voz. Já o drama corresponde à palavra representada e é imitação poética de terceira voz.

Ainda que o estudo dos gêneros tenha se constituído no campo da Poética e da Retórica, tal como foram formuladas por Aristóteles, foi na literatura que o rigor da classificação aristotélica se consagrou. Prova disso é o fato de a teoria dos gêneros ter se tornado a base dos estudos literários desenvolvidos no interior da cultura letrada. (MACHADO, 2006, p.152)

Mas os gêneros não se restringem à literatura, ao contrário, com o advento da prosa comunicativa, outros parâmetros de análise surgem com base em Bakhtin (2003). A partir dele, um novo olhar é lançado aos gêneros que passam a considerar as práticas que os diferentes usos da linguagem fazem do discurso. Seus estudos têm como base o dialogismo do processo comunicativo, o que faz do discurso uma manifestação da pluralidade.

Os gêneros estendem-se a toda produção textual, integram-se à estrutura comunicativa e sofrem modificações de acordo com a história e a cultura do povo. Bakhtin os divide em primários, gêneros simples, e os secundários, que “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (BAKHTIN, 2003, p.263). Quando um estilo primário está inserido em um secundário, transforma-se adquirindo um caráter especial e perde sua relação com o cotidiano, portanto se transforma em secundário. É o que podemos observar nos textos pertencentes ao nosso corpus.

2.2 Crônica

(...) o escrivão do cotidiano compõe um claro caminho, através do qual o leitor reencontra o prazer da leitura e – mesmo que não perceba – aprende a ler na história “inventada” a sua própria história. (SÁ, 2005, p.12)

A crônica é um reflexo da vivência do cronista acrescido dos acontecimentos marcados pelo aqui e agora, pelo jornal ou pela revista ao qual escreve, por seus leitores, pelas pesquisas e busca de temas interessantes a serem discutidos.

Ela carrega uma carga de preconceito (SÁ, 2005), pois não escreve sobre todo tipo de fato, pois passa sempre pelo crivo do autor, o qual lhe dá um enfoque autoral, subjetivo, opinativo e parcial e que tem como um dos objetivos retomar o princípio da literatura de “ensinar, comover e deleitar”.

2.2.1 Origem

Antes de Zeus, reinavam os titãs e o pai de Zeus, Cronos. O fato de este engolir os seus filhos deriva do mito oriental da sucessão. Zeus escapou-lhe em virtude da astúcia da sua mãe, Reia, que enganou Cronos dando-lhe uma pedra para engolir. (BURKERT, 1993, p.256)

Assim como o tempo devora a cada instante, Cronos devorava cada filho que nascia com medo da profecia segundo a qual seria destronado por um de seus descendentes. Diz a mitologia que Zeus conseguiu cumprir a profecia e fazer com que o pai vomitasse todos os seus irmãos, salvando-os. Depois, juntos derrotaram-no.

Assim também faz o cronista que é comparado a um Zeus humano, pois seleciona um fato e, ao registrá-lo, salva-o do esquecimento, porém a crônica continua vulnerável, pois mesmo estando registrada em um jornal ou revista, corre o risco de ser esquecida, a não ser que faça parte, posteriormente, de um livro. Aí está uma diferença entre este gênero e o conto, que herda a marca da memória escrita.

A origem do nome crônica segundo Moisés (2003, p. 101), vem

do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundá-los as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a “história”, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.

Hoje, podemos dizer que a crônica assume a concepção de texto jornalístico, redigido de forma livre e pessoal, com enfoque nos fatos do dia a dia. Ela vai ao encontro dos objetivos do humor descritos por Travaglia (1992) que são o riso pelo riso, a liberação associada à ruptura de tabus, a crítica social e a denúncia de comportamentos humanos, além da argumentação.

2.2.2 Crônica no Brasil

O trecho abaixo se refere à carta escrita por Pero Vaz de Caminha a Dom Manuel, rei de Portugal. Nela podemos perceber a descrição de uma índia. Porém, não se trata de uma descrição comum, pois encontramos palavras que apresentam o estilo quase poético do autor.

E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo acima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todos assim como nós. E com isto nos tornamos e eles foram-se. (CAMINHA)¹.

¹ <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm> - consultado em 16/02/2013).

É um relato contemporâneo ao autor, que indica as circunstâncias em que estava envolvido e trata-se de um texto híbrido, pois traz traços jornalísticos, como uma reportagem de descobrimento, traços explorados e necessários à História, além de ser reclamado também pela Literatura, por isso fica em uma zona de intersecção entre esses três campos; essa é uma das características da crônica.

Outro ponto que define a crônica é o papel do narrador, pois ele assume uma função ativa, envolve-se na narrativa e posiciona-se frente a ela. O cronista, segundo Sá (2005), é um narrador-repórter, que não só registra a notícia, mas também tem que captar o sentido dela por meio das palavras, dando-lhe emoção. Ele carrega todas as consequências desse nome, pois, geralmente, escreve para uma revista ou jornal e por isso tem um leitor específico e deve cumprir os prazos determinados, assim como ocupar os espaços certos.

Diante dessas limitações, o cronista se vê obrigado a desenvolver a concisão e fazer com que as palavras traduzam seu olhar da melhor forma possível, a fim de levar o leitor a reconhecer, na narrativa lida, a realidade vivida. Há a presença de um diálogo entre os dois, observada na linguagem quase que informal que os aproxima do dia a dia.

Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata de editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. (ANDRADE,1984)

Esse formato de crônica presente nos jornais e revista tem sua origem nos folhetins e graças a Paulo Barreto (1881-1921), conhecido pelo pseudônimo João do Rio, os textos deixam de ser relatos simples dos fatos para ganhar vida com personagens, ora reais, ora imaginados pelo autor. “Assim quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem” (SÁ, 2005, p.9).

O cronista consegue essa proeza, pois resolve assumir um papel de autor investigador e ao dar-lhes autenticidade e uma linguagem mais poética, renova os textos.

Outros autores também se dedicam a escrita de crônicas, podemos citar Sergio Porto cujo pseudônimo é Stanislaw Ponte Preta, que provoca o humor por meio dos diálogos com os leitores e da linguagem coloquial e jocosa, ao trazer o inesperado que, segundo Foucault, (apud ALBERTI, 2011) é um dos responsáveis pelo humor.

Escreve sobre as diferentes mulheres e ressalta suas fragilidades, sempre com muito humor. Também dá lugar aos homens, mas em menos proporção. É “construtor de tipos que representam a índole do povo brasileiro, mostrando ao leitor que os fatos que aqui acontecem são o produto do caráter diversificado”. (SÁ, 2005, p.38)

Também se destacam na arte de escrever crônicas, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, além dos autores cujas crônicas analisamos em nosso corpus, Carlos Eduardo Novaes e Max Nunes.

A crônica, segundo Ferreira (1998, p.5) provoca um:

[...] converter-se em uma espécie de passe de mágica, que permite alcançar o território do prazer sem eliminar a consciência da realidade; pode deleitar com a recriação artística de um momento belo de nossa vulgaridade cotidiana; pode explorar o humor das situações que melhor ilustrem a face tragicômica da condição humana; pode recriar a notícia captando seu até então insuspeito encantamento; pode valer-se da situação particular do cronista enquanto metáfora de situações universais. Tudo pode a crônica (...). Chamando o leitor a ler além do factual, a crônica ostenta olhos agudos, atentíssimos ao efêmero dos fatos do dia-a-dia.

2.3 – Riso e Humor

O recibo, o reconhecimento de firmas, o fiador, o depósito e o desconto em folha são provas inofismáveis de que ninguém confia na honestidade de ninguém. (NUNES, 1996, p82)

Muitos autores dedicam-se ao estudo do riso e do humor, outros se dedicam a fazer riso e humor. Nós, neste capítulo, falamos das técnicas empregadas por diferentes homens com o objetivo de provocar o humor.

O riso pode ser demonstração de alegria, embora possa também representar nervosismo, indignação, sátira, ironia ou transgressão. França (2006), por exemplo, aborda o caráter transgressor do riso e para apoiar sua abordagem, retoma a ideia de Platão e de Quintiliano. Do primeiro, a ideia de que os fracos são objeto do riso,

pois os poderosos, os fortes não são risíveis, mas temidos, e do segundo, de que provocamos o riso ou pelo que fazemos (ações) ou pelo que dizemos (palavras). Ela ainda acrescenta que o objeto do riso pode ser encontrado em três lugares: em nós, nos outros e nos elementos neutros.

Já Alberti (2011, p.58) cita Cícero, que considera o risível útil ao orador. Para este, o riso “torna o ouvinte benevolente, produz uma agradável surpresa, abate e enfraquece o adversário, mostra que o orador é homem culto e urbano, mitiga a severidade e a tristeza, e dissipa acusações desagradáveis”. Mas pondera a sua utilização e a limita a assuntos que não excitam grande horror, nem uma grande piedade, nem tampouco agridam pessoas que nos são caras.

Ainda em Alberti (2011, p.12), encontramos relato sobre Joachim Ritter (1903-1974), filósofo alemão, para quem, o riso “está diretamente ligado aos caminhos seguidos pelo homem para encontrar e explicar o mundo: ele tem a faculdade de nos fazer reconhecer, ver e aprender a realidade que a razão séria não atinge”.

Ainda nas Ciências Humanas, outros autores que destinam suas obras à caracterização do riso são Franz Jahn (1904) Johan Huizinga (1938) e John Morreall (1983) que procuram estudar o riso como ciência ou filosofia. Contudo, desses citados, limitamo-nos a citar o estudo realizado por Morreall (apud ALBERTI, 2011) em “Levando o riso a sério”.

Nesse estudo, além de classificar dois tipos de riso: o que resulta e o que não resulta de situações cômicas, Morreall (apud ALBERTI, 2011) reduz todas as produções teóricas que o antecedem em três teorias tradicionais que, em sua análise, não conseguem abranger todos os tipos de riso: a da superioridade, a da incongruência e a do alívio.

De acordo com a teoria da superioridade, o riso vem de um sentimento de superioridade em relação ao objeto do riso. Já a teoria da incongruência explica o riso como reação intelectual a algo inesperado e não-lógico, enquanto a teoria do alívio, por sua vez, define o riso como liberação de energia nervosa.

Como para ele nenhuma dessas teorias era completa, cria uma teoria própria que sintetizaria as já existentes e seria o caminho para entender todos os tipos de riso, “o riso resulta de um novo estado psicológico prazeroso”. Contudo, a relevância de sua teoria é questionada por Albertini (2011), que a julga insípida e sem inovações.

Já Olbrechts-Tyteca (apud ALBERTI, 2011, p.33) analisa o riso com o viés argumentativo, pois para ela, o riso é provocado pelo uso abusivo da linguagem por meio da argumentação, o que gera uma espécie de termômetro o qual indica que o discurso em questão é de fato argumentativo e não demonstrativo.

Minois (2003) apresenta um novo questionamento sobre o riso na sociedade contemporânea, o qual assume uma nova característica com um estilo inofensivo e descontraído, o que o deixa no vazio.

Para o autor, parece que há uma necessidade de tudo ser humorístico. Tanto os temas sagrados como os céticos precisam de pitadas de humor para serem aceitos e, em virtude disso, nada mais é levado à reflexão; o riso e o humor passam a ter fins em si mesmos.

A laicização corre o risco de banalizar essa derrisão fácil, já que a transgressão não faz mal a ninguém. Quando o conflito de valores cessa, porque tudo é certo, quando não há mais Deus nem o diabo, em que o riso se transforma? (SARRAZIN apud MINOIS, 2003, p.621)

Minois (2003) entende que, nessa sociedade na qual nada é crível e tudo deve ser respeitado, o riso considerado resultado do humor tem um papel relevante, porque nos ajuda a suportar as decepções as quais já não podemos mais manifestar, por medo ou conscientização. Por meio de textos humorísticos, ainda temos a chance de rir e no riso esquecer ou nos esquecer.

As sociedades sempre apresentaram e continuam apresentando espaços para o riso e as diferentes culturas o cultuam de formas também diferentes. Algumas ressaltam seu caráter transgressor, enquanto outras o veem como catarse. Hoje, é o “eu que se torna alvo privilegiado do humor, objeto de derrisão e de autodepreciação... É o ego, a consciência de si, que se torna objeto de humor, e não mais os vícios de outrem nem as ações sanguinolentas”. (LIPOVETSKI apud MINOIS, 2003, p. 624)

CAPÍTULO 3
ARTIFÍCIOS RETÓRICOS COMO FORMA DE SEDUÇÃO

Ode ao censor

Senhor censor,
 Faça o favor
 De ver aí
 Se tem à mão
 O artigo da Constituição
 No qual é permitida
 E garantida
 A liberdade de expressão.
 Se viu
 E conferiu,
 Risque-o a vermelho,
 Cuidadosamente
 E adormeça depois,
 Tranquilamente.

O senhor que é censor
 De largas vistas
 Descobriu,
 Afinal,
 Que todo mal
 Está nos humoristas

A carne está escassa
 E a fome está à vista?
 É preciso calar os humoristas.
 Brasília arrasta os cofres
 Mas enche a nossa vista?
 É preciso calar os humoristas
 O céu clama inocência,
 Descubrem-se outras pistas?
 É preciso calar os humoristas.
 Há fraudes e desfalques,
 Ladrões e vigaristas?
 É preciso calar os humoristas.
 As previsões do câmbio
 São todas pessimistas?
 É preciso calar os humoristas.

Os humoristas, sim,
 Gente danada!
 Senhor censor,
 Viva o senhor!
 Grande piada...
 (NUNES, 1996, p.58-59.)

Este capítulo contém duas partes. A primeira apresenta dados biográficos de Max Nunes e mostra os resultados da análise de seu texto “A Momolândia”. A

segunda é composta pelos dados biográficos de Carlos Eduardo Novaes e apresenta a análise da crônica “A idade da Pedra”.

A análise aqui apresentada possui uma perspectiva retórica que inclui os itens teóricos abordados no primeiro capítulo, além de uma investigação menos ampla, centrada na perspectiva linguística. Ambas, cada uma a seu modo, auxiliam na análise dos recursos argumentativos e humorísticos.

3.1 Max Nunes

Tendo de escrever uma composição no colégio sobre uma família pobre, a filha de um milionário assim se expressou: “era uma vez uma família pobre. A mãe era pobre. O pai era pobre. Os filhos eram pobres. O mordomo era pobre. O chofer era pobre. A criada era pobre. O jardineiro era pobre. Todos eram pobres”. (NUNES, 1996, p.67)

Max Newton Figueiredo Nunes é médico, humorista, compositor e escritor. Nasceu em 1922, no Rio de Janeiro. Sua carreira é, no mínimo, paradoxal, pois começa a escrever textos humorísticos para a rádio a fim de pagar sua faculdade de Medicina, mas, depois, deixa essa profissão de médico para ser escritor de humor. É redator, criador do programa “Balança, mas não cai” e também escreveu para outros programas da televisão como “Faça Humor, Não Faça Guerra”, “O Planeta dos Homens”; “Viva o Gordo”.

O autor escreve piadas, contos e crônicas que abordam temas do cotidiano do Rio de Janeiro. Alguns de seus textos foram organizados por Ruy Castro e deram origem a dois livros: “*Pescoço da Girafa*” e “*Uma Pulga na Camisola*”. Max Nunes é também o autor de música popular brasileira, como “Bandeira Branca” e de bordões que ficaram famosos, como, “Tem pai que é cego” e “Não me comprometa”.

Infelizmente, no percurso de nossa pesquisa, não foi possível elucidar o contexto de produção da crônica analisada, “A Momolândia”. Após tentativas frustradas de contato com a Rede Globo, emissora na qual o autor tem os últimos trabalhos relacionados ao programa do Jô Soares, conseguimos, por meio da Companhia de Letras, departamento de redes sociais, o e-mail de Ruy Castro, que entendeu o propósito de nosso trabalho e, gentilmente, forneceu o telefone residencial de Max Nunes.

Entramos em contato com a esposa do autor, senhora Nina Rosa, que prontamente ofereceu-se a perguntar ao esposo nossas indagações a fim de

elucidar o momento de produção do texto. Mas, devido à idade avançada de Max Nunes (91 anos), já não consegue mais se lembrar de dados referentes a alguns de seus textos e, por isso, as respostas obtidas são inferências de dona Nina, a qual não pôde confirmar com exatidão o que nos disse. Ela informou-nos que pelo estilo e conteúdo do texto, provavelmente, foi escrito na década de 60, para a rádio Tupi. Também nos informou que Max teve muitos problemas com a censura e, em suas peças teatrais, sempre haviam censores sentados entre os ouvintes e que, possivelmente, com esse texto não fora diferente.

Apesar da falta de aprofundamento no contexto de produção, essas informações enriqueceram nossa pesquisa, pois confirmam o caráter arrojado do autor, que em pleno período ditatorial, aborda ironicamente temas tão fortes e presentes na vida cotidiana do povo brasileiro. Ele impregna visões pessoais, o que colabora com a transtemporalidade de seu texto e ratifica as palavras de Eduardo Coutinho:

em sua aparente simplicidade e com a atenção voltada para o “miúdo” da vida, o cronista vai retratando o espírito de seu tempo, e oferece ao leitor fragmentos metonímicos de sua situação no mundo. Seu universo, composto de fragmentos, se estende do registro do voo de um pássaro ou do desabrochar de uma flor a mais densa reflexão sobre o estar no mundo, e com sua pena ele constrói, como um flâneur, a memória de seu tempo e lugar. (COUTINHO, 2006, p.51)

A partir dessas informações, podemos inferir que os temas abordados como a perda do poder aquisitivo do salário mínimo, a transamazônica, ou até mesmo a inflação, assumem um caráter humorístico muito mais para o auditório da década de 60 do que para um auditório do séc. XXI, pois aquele vivenciou e sofreu cada momento descrito pelo cronista e por meio da crônica pode enxergá-lo com outra perspectiva.

Max, conforme o que vimos com Ritter (apud ALBERTI, 2011), faz com que o riso ajude a explicar o mundo e permite ao auditório poder se reconhecer, ver e aprender a realidade que a razão séria não conseguiu fazê-lo. Para tanto, o cronista aborda, explicitamente, diferentes aspectos históricos, econômicos e culturais e usa o humor como forma de denúncia. “Uma forma de revelar e de flagrar outras

possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.” (TRAVAGLIA, 1990, p. 55)

3.1.1 Crônica: “A Momolândia”

Não sei se vocês já ouviram alguma coisa sobre a Momolândia, um país que afundou no Oceano Atlântico há milhares e milhares de anos. Ninguém sabe ao certo como o seu povo foi dizimado. Entre os documentos encontrados no cofre de um banco arrombado, há um que fala sobre uma terrível epidemia da SALARITE MINIMUS, que quase dizimou todo o seu povo – salvou-o o Rhum Creosotado.

Outra grave moléstia, que frequentemente atacava o sistema nervoso do momolandiano, era a chamada POLITICOMIELITE, causadora da devastadora paralisia estatal. Mas a saúde do povo era uma preocupação constante das autoridades, que instituíram a “medicina de grupo”. Tanto que, pela manhã, ficavam grupos de doentes nas filas, esperando pelos médicos.

A justiça da Momolândia era implacável: quem cometia um crime era preso e assim ficava até o dia do julgamento, quando era posto em liberdade.

Na Momolândia, todos nasciam iguais perante a lei, mas esse problema eles conseguiram resolver. As leis proibiam também, que os naturais da terra carregassem dinheiro - só os estrangeiros podiam carregar o dinheiro dos momolandianos. A poligamia era severamente proibida. Só era permitida a monogamia, regime no qual um homem podia ter várias esposas, sendo que, sua mesmo, só uma.

A fauna da Momolândia tinha apenas 25 bichos, que, à tarde, subiam pelos postes, mas há uma lenda que fala num tipo de tubarão, perigosíssimo, que em vez de viver no mar, vivia no comércio da terra.

Uma das maiores riquezas do país era o petróleo. Sua procura era uma verdadeira obsessão. Por isso havia enormes buracos em todas as ruas e em todas as estradas.

Apesar de ser um povo muito religioso, o momolandiano não frequentava as igrejas. Preferiam rezar nos supermercados. Olhava para os preços super-remarcados e orava: “Ave-Maria! Nossa Senhora! Meu Jesus! Santo Deus!”. A santa padroeira da Momolândia era a santa Paciência.

Engenheiro da Momolândia puseram em prática um engenhoso plano rodoviário: abriram uma grande estrada, no meio de uma densa floresta, para que as pessoas pudessem passar por ela de avião.

O momolandiano era um povo pacífico, de boa índole, nada vingativo. Quando alguém o explorava, ele não pagava na mesma moeda, pagava em dólar. E era um povo muito sensível: quando encontrava uma galinha preta atravessada em uma encruzilhada, acendia logo uma vela.

Tudo, na Momolândia tinha um lado bom, a não ser as mulheres, que tinham dois. A educação é que era problema: as escolas caríssimas, o material escolar pela hora da morte. Basta dizer que o material mais barato era o professor.

O solo da Momolândia era extremamente montanhoso, sendo que o monte mais importante era o monte Inflação, cujo pico era muito alto.

Na Momolândia, tanto o trânsito como os refrigerantes eram engarrafados. Sendo o povo de espírito alternativo inventivo, os momolandianos inventaram, entre outras coisas, o automóvel sem vaga, o telégrafo sem troco, e o policiamento sem soldado. Cultivavam o diálogo: podia-se falar com qualquer pessoa, menos com o motorista, e nunca explicaram por quê. O problema da empregada doméstica não existia. Existia, sim, o problema da patroa, que não achava empregada de jeito nenhum.

Afirmam os pesquisadores da Momolândia que, um dia, um rei vindo de muito longe, resolveu decretar a abertura dos portos às nações amigas, permitindo assim a invasão de uísques, relógios, cigarros, perfumes, carros e filmes pornográficos, com graves prejuízos para a indústria do país. Politicamente, a Momolândia era dividida em estados: estados menores e estados maiores. E o estado que mandava era sempre o Estado Maior. Diz a história que a Momolândia ficou independente no dia 7 de setembro de 1822. Mas isso é história. (NUNES, 1996, p.29-31)

3.1.2 Análise da Crônica "A Momolândia"

Nesse discurso, ironicamente, o cronista, assim como diz Minois (2003), parodia a vida e lhe dá um novo cenário e uma nova época a fim de ter um distanciamento do seu objeto de investigação.

3.1.2.1 Espaço retórico: contexto, raciocínio e gênero (*inventio*)

A *inventio* é um momento importante para o orador e faz parte do sistema retórico. É neste momento que o orador pensa no contexto retórico no qual desenvolverá seu discurso e seleciona as provas, o raciocínio e o gênero que o auxiliarão. Ela está associada à *dispositio*, *elocutio* e *actio*, mas por questões didáticas, analisamo-la separadamente dessas partes.

O cronista seleciona diferentes fatores ocorridos no Brasil, em diversos momentos, a fim de questioná-los durante o desenvolvimento do texto. Há uma preocupação com o auditório, constituído principalmente de leitores de textos humorísticos, pois o orador sabe que os fatos suscitados são de conhecimento apenas de alguns, por isso faz a elucidação desses fatos e comenta-os. Porém, para chamar a atenção do auditório e alcançar os objetivos pretendidos, ele o faz irônica e metaforicamente.

Essa crônica se caracteriza como uma alegoria, que, segundo Reboul (2004), é uma descrição ou narrativa que enuncia realidades conhecidas para comunicar metaforicamente uma verdade abstrata.

A “verdade” nos é mostrada por meio de impressões subjetivas da realidade e ressalta a ironia, o humor e a criatividade do cronista, sua maneira de ver o país e nos convida a refletir sobre o não-dito explicitamente, mas que está presente na

articulação discursiva, quer pela escolha das palavras, quer pela construção retórica do texto.

Estão presentes, no contexto retórico no qual se situa “a Momolândia”, fatores de natureza histórica, política, cultural, moral e ética que proporcionam ao leitor mais velho uma retrospectiva de fatos ocorridos no período descrito por Max Nunes, e ao leitor mais jovem, que não vivenciou, mas estudou esses fatos na escola, um entendimento sob um novo olhar.

Alguns trechos podem elucidar esses fatores:

Outra grave moléstia, que frequentemente atacava o sistema nervoso do momolandiano, era a chamada POLITICOMIELITE, causadora da devastadora paralisia estatal.

Há uma lenda que fala num tipo de tubarão, perigosíssimo, que em vez de viver no mar, vivia no comércio da terra.

Apesar de ser um povo muito religioso, o momolandiano não frequentava as igrejas (1996, p.29, grifo nosso).

Podemos destacar, nos exemplos, expressões pertencentes à memória do povo e da História e presentes na mídia e na cultura popular e que são retomadas pelo retor a fim de envolver o auditório, como exemplo, a informação de que os políticos obstruem o desenvolvimento do país com a demora nas votações de decretos e leis, o que gera a paralisia estatal.

O termo tubarão, como tantos outros, é usado metaforicamente para designar cargos rendosos e pessoas aproveitadoras, segundo o Dicionário Priberam². A imagem do animal voraz, corajoso e violento, que devora tudo que pode ser atacado e faz das presas, iscas para alimentar sua fome de sobrevivência é relacionada aos exploradores que, na ânsia de poder e dinheiro, sobrepujam aqueles sobre os quais se sentem superiores, transformando-os em simples presas da ganância e do poder.

O orador discorre sobre situações vividas pelos brasileiros das quais discorda e que, provavelmente, está em consonância com o auditório. Para desenvolver o discurso, em alguns trechos, busca provas lógicas elaboradas a partir de um raciocínio dialético, isto é, parte de informações prováveis como meio de persuasão (FERREIRA, 2010).

² <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 20/02/2013.

Não sei se vocês já leram ou ouviram alguma coisa sobre a Momolândia um país que afundou no Oceano Atlântico há milhares e milhares de anos. Ninguém sabe ao certo como o seu povo foi dizimado. (1996, p.29)

Ao questionar o auditório sobre o conhecimento do país mencionado e situá-lo no tempo e espaço, por exemplo: “Oceano Atlântico, há milhares e milhares de anos”, o retor sugere uma ideia antitética, pois apresenta a hipótese de que o país já existiu de fato e as informações descritas a partir dessa premissa, provavelmente, são verdadeiras, “ele afundou no Oceano Atlântico”, e por outro lado, sugere a construção do maravilhoso, pois o tempo e o espaço são imprecisos, assim como o “era uma vez”, “há muito tempo” e “muitos e muitos anos atrás”, geralmente, presentes no início de contos maravilhosos e de fadas.

A crônica possui outros elementos do mundo maravilhoso, do fantástico, como os protagonistas, habitantes do país, e os antagonistas, políticos revestidos de “poderes mágicos”, que conseguem inverter os papéis sociais e transformar o real em ficção, os impostos em dinheiro particular, os bens públicos em bens privados. O dinheiro pago em impostos não é aplicado na educação, na saúde, mas, muitas vezes, em campanhas eleitorais, em benefícios dos parlamentares.

Tanto que, pela manhã, ficavam grupos de doentes nas filas, esperando pelos médicos.

A educação é que era problema: as escolas caríssimas, o material escolar pela hora da morte (1996, p.29).

Os fatos fantásticos apresentados revelam os aspectos reais da condição humana. A falta de médicos nos postos e hospitais, a deficiência na educação, a exploração do trabalhador.

Para garantir a verossimilhança, o orador diz que toda informação sobre o país está presente em alguns documentos encontrados em um cofre.

Entre os documentos encontrados no cofre de um banco arrombado, há um que fala sobre uma terrível epidemia da SALARITE MINIMUS, que quase dizimou todo o seu povo (1996, p.29, grifo nosso).

O termo *cofre* reforça a ideia de que os documentos guardados nele são importantes e possuem informações valiosas do que ocorria no país. Esses documentos, durante muito tempo, foram mantidos fora do alcance da população e são provas das atrocidades realizadas contra todos que se impunham ao poder. No período da ditadura, o presidente, por meio do Ato Institucional de nº 5 (AI5), assume os três poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e passa a ter plenos poderes sobre tudo e sobre todos, inclusive sobre a voz dos que falam para o povo. Como, os artistas e cantores, que passam a ser perseguidos, exilados, torturados e até mortos.

A Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) é criada para censurar a arte e as suas vertentes, porém sem seguir nenhum critério. Os textos e canções podiam ser vetados tanto por motivos políticos, de proteção à moral vigente, ou ainda só porque os censores ignoravam o que o autor queria dizer com o conteúdo presente nos textos. Essa atitude faz com que muitos artistas e escritores encontrem formas disfarçadas de apontar a realidade conflitante vivida pelo povo, como a linguagem metafórica. Essa saída ajuda a minimizar a dizimação dessa classe pelo silêncio forçado e imposto pelos militares.

Recentemente, foram encontrados documentos referentes ao período da ditadura, em uma fazenda em Jaborandi, interior de São Paulo, em situação muito próxima à revelada na crônica, pois foram encontrados espalhados no chão, como se estivessem guardados em “um cofre que fora arrombado”:

Documentos achados em fazenda revelam faces da ditadura - A fazenda pertencia ao ex-delegado Tácito Pinheiro Machado, citado pelo “Brasil Nunca Mais” como repressor, e que além de atuar em delegacias no interior paulista, dirigiu o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e foi chefe de gabinete da Secretaria de Segurança Pública. Machado morreu em 2005, aos 79 anos, e apesar de seu pedido para queimar as fichas de perseguidos políticos, envelopes de correspondências restritas, bilhetes e anotações e até um manual de ação contra 'subversivos', o material ficou largado na casa. Em parte foi realmente dado um fim - os envelopes estavam vazios, seu conteúdo já havia sido eliminado.

Tito Bellini – “a gente percebeu que essa foi a primeira vez que se confirmou cabalmente a guarda indevida de documentos por agentes da repressão”³.

³<http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/politica/2842-documentos-achados-em-fazenda-revelam-faces-da-ditadura> - Acesso em 01/04/2013.



Também foram liberadas para consultas na Internet, a partir de 01/04/2013, fichas de pessoas que foram perseguidas ou investigadas no período da ditadura, entre elas, há artistas, escritores, como Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, entre outros.

Aqui, as semelhanças não são meras coincidências. É relevante salientar o esmero do cronista em apresentar, por meio de palavras e figuras retóricas, num processo de sedução e persuasão do auditório, o quadro metafórico de um país fictício, mas paradoxalmente real, pois Momolândia não existiu, mas é a imagem do Brasil, que vivenciou as situações apresentadas em todo o discurso.

Há outro termo usado pelo orador que não pode ser ignorado, “no cofre de um banco arrombado”. Arrombar, roubar é ato ilícito praticado por quem? Talvez pelos próprios envolvidos nessas situações, o que ressalta a necessidade de esconder informações como já foram supracitadas.

O autor menciona o salário mínimo por meio de uma crítica, ao afirmar que quase dizimou todo o povo da Momolândia. Não é difícil encontrar, na literatura, autores que partilham a ideia de que o salário mínimo, em muitos momentos da história brasileira, não foi positivo para o povo. Encontramos dados como os informados pela DIEESE⁴, que no período de 1940 a 1998, o salário mínimo perdeu o seu poder aquisitivo, principalmente após 1964 e foi estabelecido muito abaixo do que era necessário para sobrevivência, o que acentuou a desigualdade salarial:

⁴ <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp30art07>. Acesso em 22/07/2013.

Desde o início dos anos 60, o valor do salário mínimo foi reduzido na maioria das regiões desenvolvidas do País e parece que nessas regiões atingiu o piso estabelecido pelo salário de subsistência para as taxas de pagamento no mercado de trabalho. Como consequência, a importância do salário mínimo diminuiu em alguns segmentos do mercado de trabalho brasileiro e o papel do salário de subsistência na determinação do piso das taxas salariais dos trabalhadores não qualificados tornou-se mais acentuado (Macedo, 1981, p.53).

Além do raciocínio dialético, é apresentado o raciocínio apodítico, por meio do qual, o orador apropria-se das pseudo-verdades, seduz seu auditório e aponta como premissas verdadeiras tudo o que descreve no texto.

A justiça da Momolândia era implacável.

Na Momolândia, todos nasciam iguais perante a lei (1996, p.29).

Chamamos de pseudo-verdades, porque os sujeitos responsáveis pelas ações de Momolândia conseguem transformar os valores intrínsecos, ou seja, que têm valores em si mesmos, da justiça e da igualdade, em iniquidade e parcialidade. O que deveria ser verdade passa a ser uma falsa verdade. Pois, a justiça que precisaria ser o princípio superior da ordem social, em “Momolândia”, era cumprida de acordo com os interesses envolvidos. A igualdade, que deveria ser direito adquirido ao nascer, é eliminada pela disparidade de tratamento dada em virtude do cargo, do parentesco e da posição social de cada habitante.

Quanto às provas extrínsecas apresentadas, estão armazenadas na memória do leitor, que paulatinamente vai associando a leitura aos momentos vivenciados ou estudados sobre ele. A técnica usada pelo orador a fim de despertar essa memória é de fácil apreensão, pois o orador substitui o nome Brasil por Momolândia e passa a criticar os acontecimentos, geralmente, por meio de figuras, como a metáfora e a ironia.

Além disso, o orador usa termos revestidos do latim “salarite minimus”, junção de salário mínimo mais desinências que evidenciam a formação de palavras latinas e suas respectivas declinações, para engrandecer a afirmação. Ainda faz uso do nome que se assemelha a uma síndrome “politicomielite” e é formado pelo vocábulo político mais o sufixo -mielia, termo predominante da medicina e biociência, relacionado à noção de 'medula', além do sufixo -ite, que vale por inflamação. O autor faz essa associação com os termos do campo semântico da

Medicina para ressaltar as “doenças” que acometem a Momolândia, que interferem em todo o sistema social, político e cultural do país.

O gênero retórico predominante é o epidítico, por meio do qual o orador busca a adesão do auditório e o faz de modo agradável e atraente (MEYER, 2007, p.28). O orador opta por apresentar a censura a alguns fatos ocorridos no passado, em forma de simulação, uma vez que não os apresenta clara, mas indiretamente.

Apesar de ser um povo muito religioso (...) Preferiam rezar nos supermercados. Olhava para os preços super-remarcados e orava: “Ave-Maria! Nossa Senhora! Meu Jesus! Santo Deus!” (1996, p.30, grifo nosso).

A ironia também se faz presente nesse trecho no qual o orador agrega realidades diferentes ao fazer referência à religiosidade do povo, para demonstrar o processo inflacionário que o prejudicava. Em lugares não convencionais para a reza, como o supermercado, o espanto em relação aos preços é demonstrado por meio de interjeições conhecidas no campo semântico da religiosidade: “Ave-Maria! Nossa Senhora! Meu Jesus! Santo Deus”.

O gênero epidítico corrobora, então, com o orador que “procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar” (PERELMAN; OLBRECHTS- TYTECA, 1996, p.57).

Em cada parágrafo do texto, o orador apresenta um novo fato e todos censurados e mostrados ironicamente. É o que podemos perceber, quando o professor, no texto, é comparado a um objeto e dos mais baratos, o que aponta o descaso em relação a esse profissional.

A educação é que era problema: as escolas caríssimas, o material escolar pela hora da morte. Basta dizer que o material mais barato era o professor (1996, p.31, grifo nosso).

O professor que era um profissional de prestígio e valorizado pela sociedade, passa a ser coisificado pelo sistema e desvalorizado em relação a outros produtos reivindicados pela comunidade escolar. Essa depreciação faz parte de um processo que favorece pessoas que se beneficiam com a má formação da população.

A realidade e as verdadeiras intenções são mascaradas de diferentes maneiras, entre elas pela referência sutil ao carnaval, “A (Momo) lândia”.

Há um aforismo que diz: o carnaval é o ópio do povo. É o momento no qual tudo é permitido, tudo é esquecido. Assim como a escola que vai ganhar no carnaval tem mais adeptos e pessoas empenhadas em seu sucesso do que pessoas lutando pelas escolas de ensino; há uma preocupação por parte de órgãos governamentais em aumentar o número de lugares nas arquibancadas que não se vê em relação ao número de alunos que ocuparão os bancos das universidades públicas. Também em Momolândia as escolhas não estão direcionadas às verdadeiras necessidades do povo. Mas “tudo acaba em festa”, e, na quarta-feira, sobram cinzas e as contas para serem pagas.

E o rei momo? E o país Momo(lândia)? Continuam engordando para o próximo carnaval.

3.1.2.2 Sistema retórico: *dispositio, elocutio e actio*

O orador tem um posicionamento parcial, pois não concorda com as atitudes tomadas pelos sujeitos envolvidos nas diferentes situações mencionadas no texto e deixa isso claro para o leitor, com o qual estabelece um acordo por meio da relação ficção/realidade, em que o real ocultado, divulgado ou questionado por meios midiáticos, no período no qual os fatos aconteciam, torna-se, no discurso atual, uma ficção digna de humor satírico e irônico.

Entre os lugares retóricos, um muito usado foi o do contrário. Pois o cronista apresenta fatos como sendo positivos, a fim de ressaltar-lhes a ideia contrária.

Mas a saúde do povo era uma preocupação constante das autoridades, que instituíram a “medicina de grupo”. Tanto que, pela manhã, ficavam grupos de doentes nas filas, esperando pelos médicos.

A justiça da Momolândia era implacável: quem cometia um crime era preso e assim ficava até o dia do julgamento, quando era posto em liberdade.

Na Momolândia, todos nasciam iguais perante a lei, mas esse problema eles conseguiram resolver.

Apesar de ser um povo muito religioso, o momolandiano não frequentava as igrejas. Preferiam rezar nos supermercados (1996, p.29-31).

O *ethos* do orador é construído com base em seus argumentos, para que possa se mostrar confiável ao auditório.

Os oradores inspiram confiança, se seus argumentos e conselhos são sábios, razoáveis e conscientes, se são sinceros, honestos e equânimes e se mostram solidariedade, obsequiedade e amabilidade para com seus ouvintes (ARISTÓTELES apud EGGS, 2011, p.37).

Os questionamentos suscitados são respondidos e aceitos, por meio do discurso empregado, pois o orador mostra que os fatos narrados estão em conformidade com os apresentados pelos documentos encontrados e pelos pesquisadores e que ele é conhecedor dos problemas políticos e socioeconômicos do país, inclusive da construção de sua história, e para confirmar o relato, cita a abertura dos portos às nações amigas.

Afirmam os pesquisadores da Momolândia que, um dia, um rei vindo de muito longe, resolveu decretar a abertura dos portos às nações amigas, permitindo assim a invasão de uísques, relógios, cigarros, perfumes, carros e filmes pornográficos, com graves prejuízos para a indústria do país (1996, p.31, grifo nosso).

A abertura dos portos às nações amigas foi promulgada em 1808 por D. João, quatro dias após a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Ela representou o fim do monopólio português sobre os produtos brasileiros e comércio com outros países, ou seja, início da importação e exportação brasileira sem o controle de Portugal. Na verdade, essa tomada de decisão, por parte da coroa, foi por necessidade e conveniência dela, que saíra de Portugal devido a Napoleão e precisava viver no Brasil, que era apenas colônia, sem condições de abrigar uma coroa.

O orador usa essa informação para ratificar o caráter alegórico do texto, pois menciona um fato de conhecimento de todos, para despertar uma verdade, não abstrata, mas explícita na realidade atual, a importação causa prejuízo para as indústrias nacionais. Observemos que não houve a entrada de produtos importados, mas a “invasão” desses produtos. A escolha dos termos usados representa a intencionalidade do autor, pois como nos diz Abreu (2006, p.98):

As palavras são fios, com os quais vamos tecendo nossas ideias, em forma de texto. Quando falamos ou escrevemos, vamos retirando de nossa memória as palavras que vamos utilizar. [...]
(Elas) não são etiquetas que colocamos sobre os objetos, as pessoas, as ideias, os sentimentos, mas maneiras de representar tudo isso.

O logos contribui com a construção do ethos, e, no caso deste discurso, a forma concisa em que a narração é apresentada, um tema por parágrafo, faz com que o texto fique claro e o orador pareça honesto. Diante disso, o auditório é convencido da credibilidade das informações e é seduzido pelo discurso.

O logos é articulado como se fizesse constantes perguntas ao auditório, “você se lembra disso?” “Isso lhe parece familiar?”. E é essa sintonia orador-auditório provocada pelo logos que faz com que o objetivo do cronista seja atingido, ou seja, diminuir a distância entre os dois, por meio da estratégia do *ad hominem*, “estratégia retórica múltipla, mas cujo princípio consiste em diminuir a distância, apegando-se ao que separa e aproxima os próprios indivíduos” (MEYER, 2007, p.51-52).

Os fatos abordados na crônica são passíveis de julgamento, pois envolvem práticas, costumes, valores morais e éticos relevantes à sociedade da qual o texto fala. É por meio desses fatos, que o autor valida seus argumentos e suscita como paixão, no auditório, a revolta de ter sido enganado, roubado e desumanizado. É o *pathos*, ou seja, a paixão despertada, que é responsável pela maneira que o orador desenvolve o logos, pois busca atingir seu auditório.

A paixão é, portanto, um poderoso reservatório para mobilizar o auditório em favor de uma tese. Isso reforça a identidade dos pontos de vista, ou a diferença em relação à tese que procuramos afastar. (MEYER, 2007, p.38)

Após a busca pelos elementos empregados no discurso que corroboram com a persuasão e convencimento, o orador inicia a *dispositio*, organização interna do discurso.

No exórdio, parte inicial do discurso, há uma pergunta, por meio da qual o orador negocia a distância com o auditório:

Não sei se vocês já ouviram alguma coisa sobre a Momolândia, um país que afundou no Oceano Atlântico há milhares e milhares de anos (1996, p.29, grifo nosso).

A presença da oralidade no pronome de tratamento “você” e na própria pergunta direcionada ao leitor é um convite de participação interacional entre o retor e o auditório.

A seguir, ainda no primeiro parágrafo, apresenta o objeto de todo o questionamento do discurso, um país chamado Momolândia que foi dizimado. Como já dissemos, podemos inferir que esse país é uma metáfora do Brasil e a dizimação é uma maneira hiperbólica de contar os fatos. O leitor se sente provocado logo no exórdio.

Ninguém sabe ao certo como o seu povo foi dizimado. (1996, p.29).

A provocação se dá na construção “ninguém sabe ao certo”, pois o leitor se sente instigado a buscar as provas apresentadas pelo orador para a dizimação do povo.

Embora o texto seja coeso, apresenta informações independentes em cada parágrafo, como se fossem novos exórdios, nos quais o orador busca obter a atenção do auditório, ser lhe amigável, para conquistar sua adesão.

Na narração e na confirmação, partes pertencentes à *dispositio*, percebemos que o orador traz ao auditório um questionamento sobre a dissimulação das atitudes econômicas e sociopolíticas que são tomadas pelos representantes do povo e, muitas vezes, pelo próprio povo. Mas esse questionamento não se limita em apenas ser apresentado por meio das informações mencionadas, o cronista leva o leitor a perceber que as consequências de todas as ações ocorridas é a própria dizimação metafórica do povo.

Na peroração, parte final da *dispositio*, o orador acentua as deficiências na administração do país apresentadas na narração, por meio da ironia e do raciocínio apodítico, composto de premissas verdadeiras, ao mencionar o estado maior, que pode ser referência aos Estados Unidos que opinavam nas ações do Brasil e interferiam em todos os agentes econômicos internacionais a quem o Brasil era devedor. E ao mesmo tempo, pode ser referência às forças maiores internas controladoras do poder, como o exército e as oligarquias locais com o apoio de membros da igreja.

Politicamente, a Momolândia era dividida em estados: estados menores e estados maiores. E o estado que mandava era sempre o Estado Maior. (1996, p.31).

O orador para encerrar seu discurso, permite a verificação das inferências feitas pelo leitor de que Momolândia é uma metáfora do Brasil e as confirma:

Diz a história que a Momolândia ficou independente no dia 7 de setembro de 1822. Mas isso é história. (1996, p.31).

A confirmação da metáfora é feita por meio da data 07 de setembro de 1822, dia da proclamação da independência do Brasil, que é partilhada pelo auditório e orador. A estratégia *ad hominem* é usada com maestria, pois o orador elimina qualquer distância entre ele e o auditório, os quais passam a partilhar da mesma informação.

Não é só o conteúdo desenvolvido durante o exórdio, narração, confirmação e peroração que surpreende o auditório e o conquista, mas a expressão linguística das ideias, o estilo e a estrutura gramatical, também são responsáveis por essa sedução.

Os estilos predominantes são o *docere* e o *delectare*, pois o orador utiliza um estilo simples, claro e agradável, o que proporciona uma fácil compreensão do auditório, sem excluir a elegância do texto. O discurso transcorre naturalmente, o que faz com que o texto apresente adesão. Esses estilos são convenientes ao gênero textual crônica.

O momolandiano era um povo pacífico, de boa índole, nada vingativo. Quando alguém o explorava, ele não pagava na mesma moeda, pagava em dólar (1996, p.30).

O orador não apresenta vícios de linguagem, nem menospreza as regras gramaticais. Quando opta por uma língua semiformalizada, faz conscientemente para negociar a distância com o auditório.

3.1.2.3 Recursos persuasivos: figuras, operadores argumentativos, argumentos e humor

As figuras não são meramente ilustrativas, nem são usadas apenas para mostrar o estilo do autor, mas para trazer ao texto uma argumentação, marcar-lhe

com um novo significado. Por isso, o orador escolhe entre as figuras, aquelas que são mais propícias para os efeitos pretendidos. Neste texto, em particular, o orador opta principalmente pelas figuras de escolha, a metáfora, a ironia o epíteto e a hipérbole.

As figuras são usadas em todo o discurso a começar pelo próprio título: “A Momolândia”, representação metafórica, pois além de ser um neologismo, criado a partir de duas palavras, “momo” e “lândia”, que seria lugar, terra de representação, de farsa, é usado no lugar do substantivo Brasil. Além da metáfora, o título é irônico e tem a função de figura de presença, pois é repetido diversas vezes.

Segundo Reboul, a metáfora é a figura que “designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança” (2004, p.122). Seguem algumas expressões metafóricas usadas no texto:

Encontrados no cofre de um banco arrombado.

Uma terrível epidemia da salarite minimus.

Era a chamada politicomielite, causadora da devastadora paralisia estatal.

Que instituíram a medicina de grupo.

Há uma lenda que fala num tipo de tubarão.

Mais importante era o monte Inflação (1996, p.29-31, grifo nosso).

Algumas dessas citações foram mencionadas no contexto retórico, mas as retomamos para ressaltar o papel metafórico e a associação feita pelo orador na construção do logos. Encontramos, nesses exemplos, o que Abreu (2006) chama de metáfora médica, de roubo e de percurso.

A metáfora médica é de abrangência universal, pois todas as pessoas se interessam pela saúde. Ao selecionar palavras pertencentes a esse campo semântico, o orador faz um apelo ao auditório para que fique atento, pois o assunto é importante. Por isso, no discurso, são usadas as palavras como “epidemia”, “paralisia”, “politicomielite” e “medicina”.

Já a metáfora de roubo “sugere que algo nos foi tirado e é preciso reparação” (ABREU, 2006, p.114). Para ilustrar essa metáfora contamos com o termo tubarão, que nos tira a vida, os nossos direitos e bens materiais.

Quanto à metáfora de percurso, podemos especificar como percurso em Terra, pois há em “monte Inflação” uma associação à dificuldade associativa a um monte, à sua subida e aos problemas causados aos habitantes com o aumento constante dos preços.

Como o orador objetiva ironizar os acontecimentos apresentados no discurso, acentua suas características a fim de ressaltá-las, por isso usa a figura do epíteto, que é a associação a um nome para qualificá-lo. Podemos observar que em todas as situações relatadas abaixo, encontramos um termo com função adjetiva, ou um adjetivo impactante, cujo significado é hiperbólico, o que contribui para o humor do texto.

O seu povo foi dizimado.

Encontrados no cofre de um banco arrombado.

Fala sobre uma terrível epidemia.

Outra grave moléstia.

Causadora da devastadora paralisia estatal.

Uma preocupação constante das autoridades.

A justiça da Momolândia era implacável.

A poligamia era severamente proibida.

Há uma lenda que fala num tipo de tubarão, perigosíssimo.

Por isso havia enormes buracos em todas as ruas.

Engenheiro da Momolândia puseram em prática engenhoso plano rodoviário.

A educação é que era problema: as escolas caríssimas.

O solo da Momolândia era extremamente montanhoso.

Basta dizer que o material mais barato era o professor (1996, p.29-31, grifo nosso).

Os adjetivos ou afins são usados com a conotação exagerada e negativa: dizimado, devastadora, arrombado, severamente, perigosíssimo. Essa escolha do orador corrobora com sua intenção de intensificar os acontecimentos negativos ocorridos em Momolândia.

No último exemplo, a palavra “barato” que costuma ter uma conotação positiva, pois todos querem pagar menos, apresenta aqui um sentido negativo. Ela é acentuada, “mais barato”, mas com menos intensidade em relação aos outros

exemplos, pois há a intenção de minimizar o papel social e cultural do professor. Além de materializado, é ainda depreciado em relação aos demais elementos reivindicados e necessários em uma escola.

Sua má remuneração é apenas a consequência da desvalorização de uma profissão, que se destacava pelo conhecimento e competência e que diante de políticas governamentais desestruturou-se e perdeu o poder da classe e hoje não é mais vista como uma profissão importante, ao contrário, ela é desprezada.

O governo investe em uniforme, material escolar, alimentação para o aluno, informática, mas não investe neste profissional, no seu aperfeiçoamento intelectual. Faz parte do senso comum, ouvir e ler nos textos midiáticos que o professor não é bem remunerado, o que traz certa passividade, pois “a classe toda não tem bom salário”, “todos os professores não têm boas condições de trabalho”. O que falta, além do salário, do investimento na formação do professor e nas condições de trabalho oferecidas, é a conscientização dos profissionais e da população quanto ao papel transformador dessa profissão.

O orador, em pequenos períodos e por meio da ironia, desperta paixões no leitor e desencadeia questionamentos como esses. Podemos observar as técnicas do cronista que pensa no logos com precisão e sabe como dispor do valor das palavras, o qual colabora com a construção da argumentação e do humor.

Ainda relacionado ao uso dos adjetivos, podemos perceber uma mudança feita pelo orador na apresentação deles:

O momolandiano era um povo pacífico, de boa índole, nada vingativo. Quando alguém o explorava, ele não pagava na mesma moeda. Pagava em dólar (1996, p.30, grifo nosso).

Os adjetivos expostos nesse período, não apresentam a intensificação dos demais e embora tenham uma conotação positiva, há uma intenção negativa por parte do orador em apresentá-los. Ele tenta mostrar que o brasileiro é pacífico, tem boa índole, não é vingativo, mas é subserviente ao capital estrangeiro. Paga por empréstimos que não fez, vende barato a matéria prima, mas paga em dólar a industrializada e aceita essa situação. Essa passividade tem como consequência o reforço da exploração capitalista.

Como figura de escolha, no último parágrafo, o orador usa a repetição da palavra “história” para ressaltar os diferentes sentidos e gerar o humor.

Diz a história que a Momolândia ficou independente no dia 7 de setembro de 1822. Mas isso é história (1996, p.31).

Na primeira vez, a palavra história tem a conotação de verdade, de conjunto de conhecimentos relativos à humanidade e sua evolução. Já na segunda vez, ela é empregada com a conotação de estória. A independência não passou de uma manipulação do povo, da exploração da credibilidade. Foi uma farsa para continuarmos dependentes do capital estrangeiro, dos produtos industrializados, da cultura estrangeira.

Ela não ocorreu efetivamente, embora tenha sido datada e seja um marco histórico, não passou de uma falácia histórica. Entendemos por falácia “quando parece que as razões apresentadas sustentam a conclusão, mas na realidade não sustentam” (FERREIRA, 2010, p.120). Mais uma vez podemos ratificar o papel argumentativo da figura usada pelo cronista.

Outra figura de escolha muito marcante da qual já lançamos mão durante a análise é a ironia. O orador emprega-a a fim de construir o humor e apoiar os argumentos do texto, além de funcionar como prova patética, pois a ironia provoca emoções no auditório, desperta sentimentos em seu ouvinte. (FERREIRA, 2010)

Por isso havia enormes buracos em todas as ruas e em todas as estradas.

Olhava para os preços super-remarcados e orava: Ave-Maria! Nossa Senhora! Meu Jesus! Santo Deus!

A santa padroeira da Momolândia era a santa Paciência.

Só os estrangeiros podiam carregar o dinheiro dos momolandianos.

Abriram uma grande estrada, no meio de uma densa floresta, para que as pessoas pudessem passar por ela de avião.

Quando alguém o explorava, ele não pagava na mesma moeda, pagava em dólar.

Empregada doméstica não existia. Existia, sim, o problema da patroa, que não achava empregada de jeito nenhum.

A poligamia era severamente proibida. Só era permitida a monogamia, regime no qual um homem podia ter várias esposas, sendo que, sua mesmo, só uma.

Afirmam os pesquisadores da Momolândia que, um dia, um rei vindo de muito longe, resolveu decretar a abertura dos portos às nações amigas.

Diz a história que a Momolândia ficou independente no dia 7 de setembro de 1822. Mas isso é história (1996, p.29-30).

Segundo Reboul (2004, p.132-133), ocorre ironia quando zombamos e queremos dizer o contrário do que damos a entender. Ela pode ser cruel, engraçada, sutil e grosseira. Engraçada por haver presente nela sempre uma dose de alegria sádica. Denuncia a falsa seriedade e põe o ironista acima de seu alvo. É figura de pathos e ethos, ao por de seu lado quem ri e é figura do logos, por ressaltar um argumento de incompatibilidade pelo ridículo.

Uma das maiores riquezas do país era o petróleo. Sua procura era uma verdadeira obsessão. Por isso havia enormes buracos em todas as ruas e em todas as estradas (1996, p.30).

No discurso em questão, a ironia é usada ora sutilmente, pois depende da consciência social e histórica para o entendimento,

abriram uma grande estrada, no meio de uma densa floresta, para que as pessoas pudessem passar por ela de avião (1996, p.30).

ora apresenta-se engraçada, por apresentar fatos reais, mas de maneira diferente,

a poligamia era severamente proibida. Só era permitida a monogamia, regime no qual um homem podia ter várias esposas, sendo que, sua mesmo, só uma (1996, p.29-30).

Nos trechos:

Na Momolândia, todos nasciam iguais perante a lei, mas esse problema eles conseguiram resolver.

A justiça da Mamolândia era implacável (1996, p.29, grifo nosso).

além da ironia, destacamos a antítese implícita, figura que apresenta ideias opostas. Pois podemos inferir que o orador propõe a diferença entre o país fictício e o real. Na Momolândia, as pessoas nasciam iguais perante a lei, no Brasil, a lei, incoerentemente, é diferente para determinados cidadãos, que obtêm privilégios em relação ao restante da população, com isso provamos também que a lei não é implacável, pois não cumpre com sua essência, pois comete injustiças.

A hipérbole é outra figura muito aplicada por todo o discurso. A definição dada a ela, por Pierre Fontanier, retrata bem sua função neste texto.

A hipérbole aumenta ou diminui as coisas em excesso, apresentando-as bem acima ou bem abaixo do que são (...) não com o intuito de enganar, mas de levar à própria verdade, e de fixar, através do que ela diz de incrível,

aquilo em que é realmente preciso crer (FONTANIER apud REBOUL, 2004, p.123) .

Ela é uma figura de escolha muito explorada pelo orador para enfatizar tudo que ocorreu nos dois países, o fictício e o real ou, metaforicamente, apenas na Momolândia. É o caso da intensificação dos adjetivos vistos acima e da dizimação do povo, que é um exagero, mas o orador quer sugerir como passível de ocorrência. A dizimação vem para ratificar o próprio exagero desenvolvido por todo o discurso.

Ninguém sabe ao certo como o seu povo foi dizimado (1996, p.29).

Para garantir o acordo com o auditório, o orador emprega a figura de comunhão, alusão, que tem a função de fazer referência a pessoas ou fatos conhecidos pelo interlocutor. Ele faz um recorte de uma propaganda de xarope que era veiculada nos bondes nas décadas de 30 e 40, “salvou-o o Rhum Creosotado”, cuja frase inteira era:

Que belo tipo faceiro, que o senhor tem ao seu lado, e, no entanto, acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o Rhum Creosotado ... (1996, p.29)

Aqui fica axiomático o período temporal ao qual o orador se refere em algumas partes do discurso e como isso pode limitar a compreensão dessas passagens, uma vez que nem todas as pessoas conhecem essa referência.

O acordo também é conseguido por meio da expressão coloquial, “pela hora da morte”, a qual difere das outras partes do texto, escritas na língua padrão no registro semiformal.

Para contribuir com sua argumentação, o cronista faz uso de operadores indicadores da força argumentativa dos enunciados e colaboram com a conclusão almejada. Predominantemente, aparecem os operadores que indicam conclusões contrárias aos argumentos anteriores.

Mas a saúde do povo era uma preocupação constante das autoridades.

Mas esse problema eles conseguiram resolver.

Mas há uma lenda que fala num tipo de tubarão.

Apesar de ser um povo muito religioso (1996, p.29-30, grifo nosso).

Se retomarmos o discurso, veremos que há alguns argumentos em oposição a outros apresentados depois, por exemplo, havia uma moléstia grave, mas os governantes sempre se preocupavam com a saúde dos habitantes. Havia um problema na sociedade, pois todos nasciam iguais perante a lei, mas conseguiram resolver esse dilema. O povo não ia à igreja, mas era religioso.

Além desses operadores adversativos, concessivos, o orador apresenta mais alguns de outra natureza:

a- Operador que introduz conteúdo pressuposto:

Não sei se vocês já ouviram alguma coisa sobre a Momolândia (1996, p.29).

b- Operador que soma argumento da mesma classe argumentativa:

As leis proibiam também, que os naturais da terra carregassem dinheiro (1996, p.29, grifo nosso).

c- Operador que introduz uma conclusão em relação ao argumento apresentado.

Por isso havia enormes buracos em todas as ruas e em todas as estradas (1996, p.30, grifo nosso).

Os diferentes argumentos também são usados pelo cronista como técnica persuasiva e são explorados a fim de integrar-se ao auditório e obter a sua adesão, mas o faz de modo cooperativo e construtivo.

(argumentos quase lógicos) são aqueles que se apresentam explicitamente, que têm sua força persuasiva na proximidade (semelhança) com os argumentos formais [...] procuram a identidade e a transitividade (FERREIRA, 2010, p.149-150).

Há argumentos empregados pelo orador que diante das figuras usadas não apresentam um valor incontestável, pois carregam múltiplas interpretações. Podemos citar:

Mas a saúde do povo era uma preocupação constante das autoridades, que instituíram a “medicina de grupo” (1996, p.29).

O orador apresenta essas informações e cabe ao auditório decidir se considera a medicina de grupo algo que possa ser de fato útil ao povo, como o orador apresenta, ou se é uma expressão irônica, logo não é boa para a população, uma escolha anula a outra, pois elas são incompatíveis. Por mais ridículo que possa nos parecer que um grupo de pessoas fica na fila para esperar atendimento, cabe ao auditório essa decisão. O orador explora nessa categoria de argumentos, a contradição, a incompatibilidade e o ridículo.

Dentre os argumentos quase lógicos, identificamos também os de definição, nos quais os termos usados podem ser pré-determinados por um acordo (normativa), ou usados com o sentido corrente (descritiva), restringir-se a essência do termo (condensada) ou ainda mesclar os três tipos anteriores (complexas).

Podemos inferir que, em “A Momolândia”, há muitos argumentos normativos, pois dependem do acordo orador/auditório para que o discurso seja efetivado.

Só era permitida a monogamia, regime no qual um homem podia ter várias esposas, sendo que, sua mesmo, só uma (1996, p.30).

O termo “monogamia” assume aqui um novo sentido e esse é apresentado ao leitor. Além do normativo, podemos arriscar em falar que o orador usa os argumentos de descrição, aqueles reais:

Engenheiro da Momolândia puseram em pratica engenhoso plano rodoviário: abriram uma grande estrada, no meio de uma densa floresta, para que as pessoas pudessem passar por ela de avião (1996, p.30).

Há realmente um “engenhoso plano” e a estrada não é feita para que os carros ou os transeuntes passem, mas para que se tivesse uma justificativa para o dinheiro gasto. De fato um plano engenhoso!

Os argumentos baseados na estrutura do real valem-se da realidade para estabelecer as conexões que o orador pretende manter com seu auditório (FERREIRA, 2010, p.162).

Dentre esses argumentos, o orador explora os de sucessão e os de autoridade. Os de sucessão se baseiam em uma sucessão de fatos, sem se ater a demonstrações científicas, além de estabelecer um juízo de valor (REBOUL, 2004) que demonstra a reprovação das ações tomadas pelos representantes do povo em diferentes épocas da história. Por meio da ironia, o orador revela a sua insatisfação e desacordo com os atos elencados por ele no texto.

Uma das maiores riquezas do país era o petróleo. Sua procura era uma verdadeira obsessão. Por isso havia enormes buracos em todas as ruas e em todas as estradas (1996, p.30).

Durante o discurso, o orador busca trazer, à memória do auditório, temas conhecidos e articula o logos usando os verbos no pretérito, “era”, “havia”, “puseram”, “abriram”, a fim de, ironicamente, atestar que não se trata da história do país do próprio leitor.

Não sei se vocês já ouviram alguma coisa sobre a Momolândia, um país que afundou no Oceano Atlântico há milhares e milhares de anos.

O solo da Momolândia era extremamente montanhoso, sendo que o monte mais importante era o monte Inflação, cujo pico era muito alto (1996, p.29-31).

Também por meio da invocação ao nome do país “Momolândia”, ele afasta a ideia de se tratar do Brasil.

O orador apresenta também argumentos de autoridade, que justificam uma afirmação pelo valor de seu autor, de sua origem. São identificados em dois momentos marcantes do discurso. O primeiro quando o cronista afirma ser legítimo o que fala, pois há documentos comprobatórios da existência desse povo e o segundo quando menciona a existência de pesquisadores da Momolândia.

Entre os documentos encontrados no cofre de um banco arrombado.

Afirmam os pesquisadores da Momolândia que, um dia, um rei vindo de muito longe (1996, p.29-31, grifo nosso).

Para a proposta de apresentar um país dizimado, que talvez ninguém tenha ouvido falar, a presença de documentos e da ciência representada pelos

pesquisadores é argumento forte para o convencimento do auditório, por isso são argumentos de autoridade.

Os argumentos de dissociação são aqueles que procuram solucionar uma incompatibilidade do discurso para restabelecer uma visão coerente da realidade. A dissociação resulta da depreciação do que era até então um valor aceito. (FERREIRA, 2010, p. 167)

É nítida a presença desse argumento, quando retomamos o assunto do professor, mencionado em análises anteriores, pois esse profissional já esteve entre os mais valorizados e, hoje, perdeu o valor e é agredido verbal e fisicamente por alunos, pais e mídia.

A educação é que era problema: as escolas caríssimas, o material escolar pela hora da morte. Basta dizer que o material mais barato era o professor (1996, p.31).

O orador, além das figuras, dos operadores e argumentos usa o humor como recurso persuasivo. O humor pode ser entendido como uma visão nova da realidade que presenciamos ou vivemos, assim como pode ser uma arma de denúncias e flagrantes. E como é um importante recurso argumentativo, pensar

o riso sempre significou posicionar-se, ou posicionar o objeto das próprias reflexões, em um terreno intermediário entre a razão, porque o riso é “próprio do homem” e não dos animais, e a não-razão, a “paixão”, a “loucura”, a “distração”, o “pecado” etc. -porque o riso não é próprio de Deus (ALBERTI, 2011, p.8).

O orador lança mão de neologismos, que segundo Freud (apud ALBERTI, 2011), pertence à técnica da abreviação que consiste na junção de termos primitivos, os quais, no nosso corpus, referem-se à “salarite minimus” e “politicomielite”, mencionados no tópico: espaço retórico: contexto, raciocínio e gênero (*inventio*).

A formação de “salarite minimus” é uma artimanha da linguagem, simulando uma expressão latina, como marca de erudição. No entanto, pelo fato de o valor semântico dessa expressão evidenciar uma condição sócio-econômica bem contrária ao que é elevado em termos financeiros, provoca efeito cômico. Já no uso da palavra “politicomielite”, podemos inferir que há uma doença séria, uma situação prejudicial no tangente à parte central que envolve os políticos do país.

Outra técnica apresentada por Freud (apud ALBERTI, 2011) e usada pelo orador ao empregar as palavras 'pico' e 'história' é o uso de uma mesma palavra com duplo sentido, ou jogo de palavras, muito comum nos textos humorísticos. Mouta (2007) chama essa técnica de polissemia e ambiguidade.

O solo da Momolândia era extremamente montanhoso, sendo que o monte mais importante era o monte Inflação, cujo pico era muito alto.

Diz a História que a Momolândia ficou independente no dia 7 de setembro de 1822. Mas isso é história (1996, p.31).

Acerca desse trecho, podemos também identificar a teoria de incongruência, pois rimos diante do inesperado do não-lógico. Em todo o discurso temos a informação de que se trata de fatos reais, e, no último período, há uma ruptura, quando o autor para salientar a sua posição de que o Brasil não é verdadeiramente livre, afirma ser a nossa independência caso de história.

É importante salientar, que os fatos apresentados pelo orador embora tidos como reais, trazem uma nova visão além da já aceita, o que vai ao encontro de França (2006), quando diz que

(No século XX, o riso) vai ser analisado e valorizado pelo seu potencial transgressor, porque pode demolir verdades positivistas; enfim, porque pode propor uma outra visão, além da já estratificada. Na verdade, o riso pode ser mais verdadeiro, porque sua força provém do inconsciente, do nonsense, do lúdico (FRANÇA, 2006, p.108).

Para Bergson (2001) também o riso é inconsciente e o inesperado é que provoca o humor, por isso o cômico não aparece isoladamente, ocorre com os outros, uma vez que se dá a partir de um contato prévio entre os ridentes. Está ligado também à cultura, por isso toda piada precisa ser adaptada à cultura na qual ela está inserida, caso contrário pode não provocar o riso. Novamente, como exemplo para essa reflexão, as palavras 'pico' e 'história' que dependem dos conhecimentos linguísticos do auditório para lhes dar significado.

Seguindo a mesma perspectiva bergsoniana, temos Possenti (1998) para quem também as piadas são culturais e para entendê-las e rir delas, devemos conhecer traços de sua cultura. Segundo o autor, há piadas que dependem de fatores linguísticos, por isso não podem ser repetidas em culturas diferentes. Essas piadas passam pelo processo de criação, do jogo linguístico, o qual impossibilita o

encontro de outra palavra que de fato as traduza. É o encontrado em:

Na Momolândia, tanto o trânsito como os refrigerantes eram engarrafados (1996, p.31).

A palavra “engarrafados” só gera humor em nossa língua, pois está ligada ao líquido na garrafa e a uma expressão presente na variação linguística ligada ao congestionamento.

Outras técnicas utilizadas para a construção do humor e, conseqüentemente, da argumentação e que já mencionamos no decorrer da análise são as inferências do auditório em relação aos fatos descritos (MOUTA, 2007) e a recorrência à memória (ARCINE, 2010), sem a qual os fatos seriam meros acontecimentos fictícios.

3.2 Carlos Eduardo Novaes

A grande paixão do versátil Novaes é mesmo a literatura. Como ele próprio confessa, não para de criar, imaginar, nem mesmo quando está dormindo. Sorte de seus inúmeros leitores, que têm sempre uma nova história para se deliciar. Das que provam que rir é um ótimo negócio. (NOVAES, 1995, p.124)

Carlos Eduardo de Agostini Novaes nasce no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, em 1940, filho de Attila Rodrigues Novaes e Efigênia de Agostini Novaes.

Muda para Salvador, em 1958, onde cursa direito na Universidade Federal da Bahia. Antes de se tornar escritor, tem uma experiência como agente rodoviário, dono de dedetizadora e sócio de uma fábrica de sorvete.

Somente em 1969, quando volta ao Rio de Janeiro, inicia a atividade de cronista no jornal “Última Hora”. Em 1972, trabalha no *Jornal do Brasil – JB* e inicia a criação de prognósticos bem-humorados para a Loteria Esportiva, é quando percebe que tem vocação ao humor. Mais tarde, começa a escrever crônicas para esse jornal.

Além do trabalho no jornal, Novaes tem a função de ator, escritor e diretor de teatro, é presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT e vice-presidente da Federação Internacional de Sociedades de Autores Dramáticos – Fedra e também ocupa a Secretaria de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro.

É cronista, romancista, contista, dramaturgo e diretor da Casa do Riso, um teatro dedicado exclusivamente ao humor, localizado no bairro do Leblon, Rio de Janeiro.

Os temas de seus livros são desenvolvidos de forma crítica e bem-humorada. Passam pela política, vida conjugal, pelo cotidiano urbano e pelo universo adolescente. Seu estilo é provocativo e seu humor é inteligente e mordaz.

Suas crônicas ficam entre as classificadas como crônica-comentário, pois o ponto relevante é a interpretação do autor em relação aos fatos e acontecimentos, numa visão quase que jornalística, sem perder as impressões críticas, a ironia e o humor.

O pomar da literatura, vocês sabem, é composto de diferentes espécies...; a crônica, que, pela variedade e popularidade, equivale à laranja.

O conto e a crônica, como se vê, são parecidos e às vezes até confundidos sob um olhar apressado. O conto, como a lima, tem a casca mais fina e pode ser mais agradável a um paladar delicado. A crônica, casca mais grossa, não requer tantos cuidados para frutificar. Cresce até em publicações periódicas, como jornais e revistas, mas nem por isso seu valor nutritivo é menor: contém todas as vitaminas necessárias à formação de um leitor.

As crônicas, como as laranjas, podem ser doces ou azedas; consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa, ou virar suco, espremidas nas salas de aulas.

[...] Faço votos que vocês se deliciem com elas, que lhes matem a sede de leitura e – último aviso – não se esqueçam de cuspir os caroços (NOVAES, 1995, p. 4).

3.2.1 – Crônica: a Idade da Pedra

A juventude parece ter descoberto algo de que sempre desconfie: a vida é um recreio. Como disse uma gatinha de 17 anos entrevistada por um semanário, “só há duas coisas na vida: som e patins”. Sendo assim, a juventude Zona Sul vai em frente exibindo o seu invejável realce existencial. “O mundo seria muito mais saudável”, afirma outra gatinha, “se os nossos governantes andassem de tênis e camiseta”. Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea. E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude. Tenho certeza de que esse é o momento mais difícil na vida de um jovem de hoje: atravessar a fronteira da juventude para a idade adulta, duas terras que nunca estiveram tão distantes.

Sei que a experiência é traumatizante porque tenho um amigo que a viveu com seu filho de 20 anos. O garotão, Otávio, tinha trancado matrícula na faculdade havia dois anos e não queria nem saber: vivia na dele, curtindo adoidado um rock, praia, windsurf, patinação, gatinha, invariavelmente metido dentro do uniforme oficial dos gatões, jeans, camisetas e tênis. O mundo para ele era do tamanho de uma lantejola. No dia em que fez 21 anos, o pai o chamou para uma conversa.

- Escuta, filho, nós precisamos conversar.

O garotão deslizava na sala de um lado para outro experimentando seus novos patins. Nem era com ele.

- Escuta, filho – repetia o pai, falando como se assistisse a um jogo de tênis: cabeça pra lá, cabeça pra cá -, nós precisamos ter uma conversinha. Você afinal está fazendo 21 anos e... Otávio continuava patinando como se estivesse sozinho na sala.

- Filho, eu já estou ficando tonto. Quer fazer o favor de...

O garotão parou a um canto, fechou os olhos e começou a se contorcer, como se acompanhasse alguma música. O pai olhou à volta, apurou o ouvido e não escutou nada.

A mulher entrou na sala.

- Cristina, ou o teu filho tá maluco ou eu tô ficando surdo. Olha só o jeitão dele...

A mãe foi ao filho, determinada, e tirou-lhe o headphone dos ouvidos.

- Tatá, escuta o seu pai que ele tem uma coisa muito importante para lhe dizer.

O garotão deu um muxoxo e fez uma expressão de “que saco!”.

- Escuta, filho, eu não sei como lhe dizer... você está fazendo 21 anos... sei que é duro mas... mas a vida é assim mesmo e...

- Desembucha logo, coroa. Qual é? Hiii...

- O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto!

A face de Otávio se contraiu com se tivesse recebido a pior notícia do mundo. Seus lábios ficaram brancos, os olhos arregalaram. Botou as mãos na cabeça e caiu num pranto convulso.

- Não! Não! – berrava. – Um adulto, não! Eu não quero ser adulto. Eu não quero! Mamãe, eu não quero.

Correu para os braços da mãe e começou a chorar em seu ombro.

- Eu lhe disse, Alfredo – resmungou a mãe acariciando o filho soluçante. – Você tinha que dar a notícia com cuidado... você traumatizou o garoto.

- Algum dia ele teria que saber, Cristina.

- Mas não é assim. Você tinha que ir preparando o garoto aos poucos. Você pensa que é fácil para um jovem que vê o mundo de um ringue de patinação, de cima de uma prancha de windsurf, de repente ouvir que já é um adulto? Saber que vai ter de votar? Preencher declaração de Imposto de Renda? Trabalhar? É duro, Alfredo, é duro...

- Mãe, eu não quero – disse Otávio enxugando as lágrimas -, eu ainda não to preparado para ser um adulto... deixa eu ficar mais uns cinco anos com a minha juventude... aos 26 eu prometo que serei um adulto... juro que serei um adulto... e dos bons.

O pai foi inflexível.

- Não, filho. Você tem que conhecer o outro lado da vida... A vida não é só som e patins. Eu arranjei um emprego.

- Um emprego? Mas pra quê, pai? Você ainda está trabalhando... Você ainda goza de boa saúde. Nós temos sido tão felizes assim: você e mamãe trabalhando e eu me divertindo. Alguém precisa se divertir nessa casa.

- Sinto muito, filho, mas não vou ficar sustentando um marmanjo de 21 anos.

- Por que não? – esbravejou o garotão. – Você me botou no mundo. Eu não tive escolha. Agora guenta. Além do mais, você deveria se sentir orgulhoso de financiar minha vida: sou o melhor patinador que tem no Roller.

O pai, um economista influente, disse que ele iria trabalhar no gabinete da presidência da Petrobrás. Acrescentou que começaria hoje no trabalho, portanto deveria tirar o calção e vestir uma roupa para se apresentar ao chefe do gabinete. Otávio, sem conseguir esconder o pânico por ter virado adulto, foi ao quarto e voltou de jeans, camiseta e um tênis todo sujo.

- É assim que você tá pensando em se apresentar na Petrobrás?

- Por que não? Vou assim a todos os lugares. Nunca usei outra roupa.

- Escuta, filho – disse o pai tentando manter a calma – , você ia assim a todos os lugares quando era jovem. Agora, você é um adulto...

- Não precisa me lembrar isso toda hora, pai – respondeu Otávio ameaçando chorar novamente.

- O mundo dos adultos é diferente – prosseguiu o pai explicativo. – Para você poder entrar, ele exige traje passeio completo. Vai lá dentro e bota o terno que sua mãe comprou.
 - Mas eu nunca botei um terno... Por quê? Por que tem que ser de terno? Eu não entendo... por quê?
 - Porque é assim que os adultos andam, filho. Os adultos são pessoas sérias, honestas, incorruptíveis, democráticas, pacifistas... devem usar roupas adequadas...
 - Ou será que os adultos usam essas roupas exatamente para dar a impressão de que eles são tudo aquilo que não são?
 - Vai, vai, filho. Depois nós conversamos sobre isso. Vamos ter muito que conversar. Você é um recém-chegado no mundo dos adultos. Está confuso, ainda tem muito que aprender. Vá botar o terno.
- O garotão foi ao quarto e voltou com a camisa de colarinho para fora da calça, peito aberto, o paletó enrolado na cintura, sem meia, ainda de tênis. Parou diante do pai.
- Tá bom, pai?
 - Escuta, filho, eu sei que você nunca botou um terno na vida. Sei que não é fácil... É o seu primeiro dia como adulto. Mas... não é bem assim.
- Explicou ao filho, que foi novamente ao quarto e voltou com a camisa pra dentro da calça, o paletó no lugar, todo arrumadinho, mas sem gravata e de tênis. O pai chiou!
- Que que tem eu ir de tênis?
 - Você sabe como são os adultos, filho. Eles reparam em tudo... e não gostam de tênis para usar com paletó e gravata
 - Mas por quê, pai? Por quê? Você me explica como é esse mundo dos adultos que não tô entendendo nada.
 - Filho, não adianta ficar me fazendo perguntas. Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais. Vá calçar os sapatos sociais que sua mãe comprou.
- Otávio foi e voltou andando todo desajeitado como se tivesse aprendendo a equilibrar-se nos patins.
- Que coisa horrível esse negócio de sapato, pai. Parece mais um instrumento de tortura. Tá bom agora?
 - Quase. Só falta calçar as meias, desenrolar a gravata da testa e colocar no pescoço.
- Novamente o filho foi e voltou. Finalmente estava tudo no seu lugar, apesar de o garotão andar todo torto.
- Excelente, filho. Agora estou orgulhoso de você, você tá com cara de adulto.
 - Pode ir para o seu trabalho... e boa sorte.
 - O garotão saiu caminhando todo duro. O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho. A mulher flagrou-o da porta da cozinha.
 - Que é isso, Alfredo? Aonde é que você vai assim?
 - Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa. (NOVAES, 1995, p. 32-36)

3.2.2 – Análise da Crônica “A idade da pedra”

A análise da crônica “A idade da pedra” é feita por meio de duas perspectivas, a primeira, com o foco no cronista e a segunda, nas personagens presentes na história exposta, “Alfredo, Cristina e Otávio”.

Na análise, a visão de retórica apresentada é a de Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996) que aponta uma nova retórica, mas conserva de Aristóteles, a definição com vistas à persuasão, à adesão do auditório, ao mesmo tempo em que combate o racionalismo estrito e considera que é possível o convívio harmonioso de razão e emoção na argumentação.

É importante para nossa investigação ratificar que o gênero crônica tem imbricações com o tempo, narra fatos do presente, mas que podem se tornar perenes. Nesta crônica, o tema abordado por Novaes é atemporal, em todas as gerações há a presença deste problema: crise no jovem obrigado a assumir posturas de adultos, gerando conflitos entre gerações, pai e filho. Porém detalhes apresentados na narrativa como gírias e patins são registros da época em que o texto foi escrito e, hoje, podem ser considerados ultrapassados.

3.2.2.1 - Espaço retórico: contexto, raciocínio e gênero (*inventio*)

Lembramos que a *inventio* faz parte do sistema retórico e é um momento importante para o orador, pois além de pensar no contexto retórico, faz o levantamento dos raciocínios e gêneros a serem escolhidos e seleciona o que usará para persuadir o auditório. Neste item, assim como na análise anterior, por uma questão didática, analisamo-la separadamente das outras partes desse sistema: dispositio, elocutio e actio.

O texto “A idade da pedra” é uma crônica e como tal dispensa a impessoalidade do cronista (MOISÉS, 1997), pois ele apresenta sua visão de mundo sobre a juventude e a fase adulta com todo o peso de uma carga emocional.

Essa interpretação de mundo feita por Novaes inicia na escolha pelo título, “A idade da pedra” o qual sugere uma relação entre dois momentos distintos da humanidade, a pré-história e a contemporaneidade. Nos dois períodos, há a necessidade de uma representação social, na qual existem papéis que devem ser incorporados para o homem poder ser aceito socialmente em um grupo, o que, nem sempre, está relacionado à felicidade. (MYERS, 2011). Esses papéis denotam a hierarquização social que é uma exigência feita desde a idade da pedra.

Em geral, os motivos ligados à realização em sujeitos deste tipo (que assumem esses papéis e obrigações sociais) estão principalmente mais

ligados à realização e sucesso do grupo e da família do que do relacionamento e padrões de excelência e coerência pessoal (BONIN, 2011, p.69).

Que coisa horrível esse negócio de sapato, pai. Parece mais um instrumento de tortura. Tá bom agora? (1995, p.35).

Entramos em contato com o cronista Carlos Eduardo Novaes e o indagamos sobre o título dado à sua crônica. Segundo ele, o título é enigmático, e uma das possíveis interpretações é que a idade da pedra represente a idade adulta e quanto mais avançamos na idade, mais perdemos a liberdade, nos modos e costumes, pois temos que nos adequar aos papéis impostos pela sociedade. Provavelmente, para Otávio, o adulto é o estereótipo do homem da idade da pedra, ou seja, não evoluímos o suficiente para conseguir mudar os padrões sociais.

No início do discurso, o cronista expõe seu ponto de vista sobre a juventude, a fase adulta e a transição de uma para outra. Nessa primeira parte do texto, identificamos a dupla frustração do orador que além de não viver mais a juventude, que julga ser a melhor fase do homem, ainda é obrigado a suportar todos os percalços da fase na qual se encontra.

Ele desenvolve o discurso dedutivamente, pois, nos dois primeiros parágrafos, traz ao discurso a reflexão sobre o tema e, depois para exemplificar e reforçar o questionamento, apresenta uma situação verossímil, por meio da história de um amigo. A presença da antítese, maioridade versus juventude provoca um desajuste na família e revela o ethos de cada personagem por meio do diálogo construído pelo logos.

“O mundo seria muito mais saudável”, afirma outra gatinha, “se os nossos governantes andassem de tênis e camiseta”. Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea (1995, p.32).

O pai é a personagem responsável por suscitar o problema central da crônica: o filho deve assumir a maioridade e com ela seu papel social, que é ser responsável e trabalhar. No decorrer do diálogo, o pai mostra-se dissimulado, pois acata o discurso dominante, propaga-o, mas é hipócrita, pois não consegue manter a coerência entre o discurso e as atitudes. Para Nathaniel Hawthorne (apud MYERS, 2011, p. 508), essa mudança de comportamento ocorre, porque “nenhum homem, durante qualquer tempo considerável, pode usar um rosto para si mesmo e

outro para a multidão sem,finalmente, ficar aturdido com qual dos dois pode ser o verdadeiro” e, por isso, gradualmente se revela.

O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho. (1995, p.32)

A mãe reproduz um psicologismo moderno, no qual as justificativas para todos os problemas estão ligadas aos fatores psicológicos, as representações mentais, e, no que concerne aos filhos, a culpa sempre é atribuída aos pais. Portanto, ela alega que a instabilidade emocional do filho é resultado da falta de compreensão do pai em relação ao momento delicado pelo qual o garoto está passando. Com isso ela se torna, implicitamente, representante de um dos discursos dominantes da sociedade e figura representativa da imagem de mãe, ou o que afirmaria Jung (2000), na psicologia analítica, arquétipo de mãe.

Eu lhe disse, Alfredo, – resmungou a mãe acariciando o filho soluçante – Você tinha que dar a notícia com cuidado... você traumatizou o garoto (1995, p.33).

O filho, representante da juventude, é fruto de uma sociedade conformista, na qual a influência social é muito forte sobre as ações individuais. Por isso, mesmo sem concordar com o pai, cede às pressões e adapta-se às ordens recebidas. A fim de afirmar a sua identidade social, o garoto é obrigado a vestir-se de acordo com os padrões estipulados pelo cargo que exercerá. (MYERS, 2011). Essa personagem é a caracterização do tema desenvolvido pelo cronista e, nela, identificamos a fronteira simbólica entre duas fases do homem: uma com descontração, liberdade e felicidade e a outra com responsabilidade, comportamentos pré-estabelecidos e conflitos emocionais.

- Ou será que os adultos usam essas roupas exatamente para dar a impressão de que eles são tudo aquilo que não são?

Novamente o filho foi e voltou. Finalmente estava tudo no seu lugar, apesar de o garotão andar todo torto (1995, p.36).

Durante séculos, essa mudança se deu naturalmente, ou melhor, não se questionou a sua existência. Na Idade Média, por exemplo, a noção de criança não

existia, e, exceto na força e no tamanho, nada mais a diferenciava do adulto, nem mesmo as roupas. (ARIES, 1981) Porém, agora, o orador ressalta a grande distância que têm essas fases,

Duas terras que nunca estiveram tão distantes (1995, p.32).

Jamais os jovens tiveram tantos direitos e liberdade como neste século, que pode ser observado nos diferentes ambientes: escolar, familiar, lazer. Podem se posicionar e exigir privilégios e direitos apoiados em leis, como consta no estatuto da criança e do adolescente. Por isso, é tão árdua a passagem para o mundo dos adultos, no qual têm que assumir suas ações e começa a ter muitos deveres.

Novaes encontra um modo divertido e irônico de mostrar uma das maneiras de se transpor essa fronteira: a troca de roupa. Após o garoto conseguir - o que não foi fácil - vestir-se nos moldes determinados pela sociedade: camisa, terno, sapato e gravata, torna-se um adulto. Mesmo jocosamente, o cronista mostra a dificuldade que é transformar-se em adulto, pois uma ação que seria simples, trocar de roupa, é apresentada como um ato muito difícil, pois Otávio precisa ir e vir do quarto por várias vezes para acertar.

O sacrifício individual do garoto é exigido pelo pai para salvaguardar o interesse coletivo, que vê no adulto o ser responsável, engravatado e aparentemente bem-sucedido. O jovem, por sua vez, apresenta uma resistência para não ultrapassar a fronteira natural. Tenta argumentar e apelar para os pais e usa, para isso, argumentos que vão desde o apelo psicológico para o papel social de progenitor, até o fato de prorrogar por mais cinco anos sua juventude a fim de preparar-se definitivamente para a fase adulta.

Deixa eu ficar mais uns cinco anos com a minha juventude... aos 26 eu prometo que serei um adulto... juro que serei um adulto... e dos bons.

Você me botou no mundo. Eu não tive escolha. Agora guenta.
(1995, p.34)

Entendemos por papel social: “conjunto de direitos, obrigações e expectativas culturalmente definidos que acompanham um status na sociedade” (DIAS, 2010, p.87). Otávio tem o status de jovem, descomprometido, dele não se cobra nada, nem os estudos.

O garotão, Otávio, tinha trancado matrícula na faculdade havia dois anos e não queria nem saber: vivia na dele, curtindo adoidado um rock, praia, windsurf, patinação, gatinha, invariavelmente metido dentro do uniforme oficial dos gatos, jeans, camisetas e tênis (1995, p.32).

Mas ao completar 21 anos, há uma nova expectativa quanto aos papéis que desempenhará, que são resultados da interação com novos contextos sociais pertencentes a essa nova fase da vida.

De repente ouvir que já é um adulto? Saber que vai ter de votar? Preencher declaração de Imposto de Renda? Trabalhar? (1995, p.33).

No final da narrativa, Alfredo, cujo status é de pai, esposo e responsável pela família, tem um conflito, pois se vê dividido entre esse papel e do homem sem compromissos, que deseja viver a vida descontraidamente, como se fosse um jovem. Mas diante das exigências da sociedade, se vê subjugado às regras estabelecidas, por isso tenta sair com os patins do filho sem ser percebido, o que denota a pressão do grupo exercida sobre o individual.

O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho (1995, p.36).

O orador, com muita habilidade, suscita, na narração de uma cena familiar, reflexões sobre o comportamento humano e denuncia, ironicamente, o conformismo diante da existência, o que leva a reprodução de atitudes de uma geração para a outra. O filho obedece apesar de não concordar com as ordens do pai e este, embora ainda não entenda o que lhe aconteceu quando ainda era jovem, reproduz a mesma situação com seu filho.

Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais (1995, p.35).

A polissemia da palavra tempo, nesse trecho, reforça as reflexões do cronista. Pois, na primeira colocação, o termo pode ser visto como um momento de espera, pois tudo pode ser curado com o passar dos acontecimentos, “dê um tempo”, aguarde. Na segunda vez que aparece, “com o tempo você vai continuar

sem entender”, está ligado a ideia temporal, no caso, refere-se ao momento futuro e ratifica o conformismo sugerido pelo pai.

Essa crônica proporciona ao leitor diferentes análises. Indagamos, neste momento, a construção do texto tendo como parâmetro a linha de raciocínio seguida pelo orador a fim de persuadir e convencer o auditório.

No exórdio, por meio do raciocínio apodítico, o orador apresenta premissas quase incontestáveis e para dar ênfase à veracidade delas, utiliza a palavra “certeza” sobre a dificuldade da fase vivida pelo jovem. Depois, usando o mesmo raciocínio, o cronista, por intermédio da personagem da mãe, exhibe uma série de perguntas retóricas que exigem do auditório uma posição responsiva e as conclui com uma afirmação convincente: “é duro, Alfredo, é duro”. Tanto na primeira, como na segunda afirmação, a veracidade do discurso é conseguida por meio do conhecimento de mundo do auditório.

Tenho certeza de que esse é o momento mais difícil na vida de um jovem de hoje.

De repente ouvir que já é um adulto? Saber que vai ter de votar? Preencher declaração de Imposto de Renda? Trabalhar? “É duro, Alfredo, é duro...” (1995, p.32-33, grifo nosso).

Já o raciocínio dialético, que parte do provável e de opiniões aceitas pelo auditório, é identificado em alguns argumentos usados pelo cronista quando aponta as diferenças entre as fases. Sua presença é marcada, em diferentes momentos do diálogo entre filho e pai, quando este no início se mostra inseguro diante daquele, mas depois expõe com clareza e nitidez de raciocínio os argumentos que passam a ser aceitos por Otávio.

E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude.

Você sabe como são os adultos, filho. Eles reparam em tudo... e não gostam de tênis para usar com paletó e gravata.

Filho, não adianta ficar me fazendo perguntas. Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais. Vá calçar os sapatos sociais que sua mãe comprou (1995, p.32-35).

Outro raciocínio presente no discurso é o sofisticado que pode ser representado pela fala da mãe, a qual tenta, emocionalmente, passar por verdadeiro um discurso sem consistência lógica, mas representante de um psicologismo simplista.

Você tinha que dar a notícia com cuidado... você traumatizou o garoto (1995, p.33).

Quanto aos gêneros do discurso, podemos apontar, predominantemente, o gênero epidítico, pois há uma censura, por parte do orador, direcionada à forma como a sociedade, mais especificamente, a família, prepara o jovem para a nova fase da vida. O cronista sugere que a fase adulta é quando você já não tem mais energia, vitalidade para desfrutar das coisas boas da vida e ironiza esse fato por meio da gíria: “terminar a pilha da juventude”.

E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude (1995, p.32, grifo nosso).

A expressão também deixa implícita a ideia de que termina uma pilha e recebe-se outra, como se cada fase fosse “renovada por pilhas”. Ao terminar a da juventude, o jovem já recebe uma nova pilha que traz um peso negativo e determina o poder ao qual é submetido, além de condicionar ou anular os seus ideais. Resigna-o à obediência imposta devido “à tradição e aos costumes e legitima o poder no passado e no status herdado” (DIAS, 2010, p.105). O pai quer que o filho trabalhe e, para tanto, este terá que se submeter a um chefe e a um cargo que não escolheu, mas o aceitará resignadamente.

O gênero epidítico corrobora, então, com o orador que “procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório.” (PERELMAN;OLBRECHTS-TYTECA,1996, p.57). Diante do posicionamento do pai, há uma crítica à sociedade capitalista, que ressalta o trabalho, pois daí advém a fonte de renda e cria, discursivamente, os “competentes” no plano social. A hipocrisia e a força dos discursos sociais, de um modo ou de outro, estão epiditicamente marcadas no texto, o que podemos observar no término da crônica, com a atitude do pai.

Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa. (1995, p.36)

Além do epidítico, podemos salientar também a presença do gênero deliberativo, por meio de um questionamento que objetiva transformação de comportamento em relação à nocividade da forma como ocorre a mudança de fase. Assim como observamos em algumas culturas, o ritual de passagem além de ser pernicioso, psicologicamente, ao jovem, também o é fisicamente.

Podemos depreender que a pressão feita pelo pai em relação ao filho está ligada a questões culturais, impostas pela sociedade e pelo senso comum. Elas determinam que os acordos não estipulados pelo grupo dominante são ilegítimos, por isso o jovem ao completar 21 anos deve ser sério, ter um trabalho fixo e bem remunerado, sem nada questionar.

Recorrendo às palavras de Gracio (2011, p.41-42), temos que:

o senso comum, enquanto princípio de sociabilidade, constitui o acordo mínimo exigível para que qualquer sociedade funcione como tal. Ele assegura a coesão indispensável para que se possa falar de comunidade e de vida coletiva. O senso comum é também o senso tradicional.
[...] Ele é fruto de aprendizagem e da educação que espontânea e/ou institucionalmente recebemos enquanto membros de uma comunidade e funciona como regulador social da credulidade.

Pelas palavras desse autor, podemos inferir que a sociedade representada por um grupo específico determina quais são os acordos que podem ser feitos e esses passam a orientar a comunidade e são aceitos pela maioria para que possam fazer parte do grupo, independentemente da concordância ou poder de escolha; é o que ocorre com a personagem Otávio.

3.2.2.2 O sistema retórico: *dispositio, elocutio e actio*

Na *inventio*, vimos que o cronista encontra os recursos que usa em seu texto, assim como determina o contexto retórico no qual situa sua crônica. Outros elementos que analisamos, na *dispositio, elocutio e actio*, fazem parte também do processo de investigação do orador, porém, são simultaneamente perscrutados com outros recursos presentes nestas partes.

Na crônica, o pai tenta passar uma informação sobre a maturidade como se ela de fato ocorresse por um passe de mágica associado à idade, mas, por meio do

logos, constatamos que dúvida do que diz, pois a insegurança transmitida por meio das hesitações, representadas pelas reticências, transmite o medo, paixão aristotélica, de perder o limite de seus atos ou, até mesmo, de admitir que a maturidade do filho simbolize também sua passagem para outra fase.

O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto (1995, p.33).

Além das hesitações, há uma incoerência no discurso de Alfredo, pois declara que o filho já faz parte de uma nova fase da vida, mas com suas atitudes continua mostrando que, para ele, o garoto não deixou de ser uma criança a qual tem que tratar com cuidado e submetê-lo a suas ordens.

É assim que você tá pensando em se apresentar na Petrobrás? (1995, p.34).

Enquanto o pai apoia-se na razão, embora aja como uma pessoa incoerente e insegura diante do que fala, o garoto apoia-se na premissa de que o homem deve ser feliz e usa, no início do diálogo, esse argumento para persuadir o pai.

Nós temos sido tão felizes assim: você e mamãe trabalhando e eu me divertindo. Alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.34).

O orador apela para provas éticas e patéticas, que tentam a persuasão por meio da emoção, e insere na personagem feminina, a mãe, falas próprias do universo materno, carregadas de apelos sentimentais, que ratificam a ideia de que se trata de um momento muito delicado o qual requer cuidados e atenção, mas ao mesmo tempo, como já foi tratado anteriormente, reproduz o discurso da sociedade que aparentemente justifica tudo pela psicologia.

Você tinha que dar a notícia com cuidado... você traumatizou o garoto (1995, p.33).

Para reforçar esse posicionamento, temos a figura do jovem que chora diante das imposições do pai, representante da sociedade. O cronista lança mão da função persuasiva da retórica, que, segundo Reboul (2004), convive com dois aspectos, o argumentativo e o oratório. No primeiro, temos o peso dos argumentos e no

segundo, a inflexão da voz, o tom e os gestos do orador. No exemplo abaixo, identificamos esses dois aspectos, pois a expressão corporal do filho é um apelo argumentativo, para que a mãe ceda e satisfaça suas necessidades elementares: sobrevivência e proteção contra as dificuldades que aparecem.

Correu para os braços da mãe e começou a chorar em seu ombro. Seus lábios ficaram brancos, os olhos arregalaram. Botou as mãos na cabeça e caiu num pranto convulso (1995, p.33).

O choro presente nesse discurso tem um papel significativo, pois revela a falta de maturidade do menino diante das novas situações impostas pela vida, apresenta o excesso de carência e egocentrismo, próprios da infância e também revela o excesso de protecionismo com o qual foi criado.

As provas extrínsecas usadas, ou seja, as colhidas no mundo exterior são pautadas no verossímil e estão ligadas diretamente ao dia a dia do auditório, que conhece as imposições da sociedade e do mercado de trabalho no que se refere às vestimentas e idade para assumir as responsabilidades.

O mundo dos adultos é diferente – prosseguiu o pai explicativo – para você poder entrar, ele exige traje passeio completo. Vai lá dentro e bota o terno que sua mãe comprou (1995, p.34).

O orador usa uma expressão convencional em convites de aniversários ou de formaturas “traje passeio completo”, com a troca da palavra “social” por “passeio”, possivelmente, com a intenção de estabelecer um acordo com o auditório por meio da estratégia do *ad hominem*, estratégia retórica “cujo princípio consiste em diminuir a distância, apegando-se ao que separa e aproxima os próprios indivíduos” (MEYER, 2007, p.51-52), pois a juventude está mais para o passeio do que para o social.

Quanto aos lugares usados pelo retor, podemos seguir as indicações de FERREIRA (2010), que nos orienta a questionar o texto até a exaustão, a fim de encontrá-los. Nesta crônica, o retor usa, predominantemente, os lugares da qualidade, da juventude, do prazer e da ordem a fim de persuadir o auditório.

Na introdução do discurso, há uma discussão em torno da vida que a juventude leva que é mais feliz, mais autêntica, daí a qualidade de vida, pelo menos no sentido de se fazer o que se tem vontade, o que lhe dá mais prazer.

Sendo assim, a juventude Zona Sul vai em frente exibindo o seu invejável realce existencial (1995, p.32).

“Invejável” é um termo que desperta no leitor a ideia de qualidade em relação a uma opção ou estilo de vida melhor que a sua, está relacionado às paixões aristotélicas.

Durante a narração, o lugar da qualidade cede ao da ordem, uma vez que os argumentos do jovem são preteridos em relação aos do pai, que trazem o peso de uma verdade incontestável e anula qualquer contra-argumentação, por se fazer superior. O pai apresenta fatos, como seu próprio exemplo, que sucumbem as forças argumentativas do filho. Os argumentos usados são relevantes para a produção de um discurso de convencimento, que cala o auditório.

Filho, não adianta ficar me fazendo perguntas. Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais (1995, p.35).

Identificamos, novamente, o papel do senso comum na fala acima e depois no comportamento do filho, que tentava questionar o pai, mas depois se anula e aceita as imposições do adulto. Para ratificar o que dissemos, retomamos o texto de Grácio (2011, p.42):

(O senso comum) é solidário de uma aceitação que assinala uma passividade inerente e indispensável face às exigências práticas e pragmáticas da vida.

Na peroração, diante da postura do pai, podemos salientar o lugar do prazer e da juventude, pois fica explícita a opinião dessa personagem de que se divertir é seu propósito e que toda a intenção de persuadir tem como objetivo assumir o papel do filho, inclusive a própria fala do garoto é retomada pelo pai.

O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho.

Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.36, grifo nosso).

As personagens se dão a conhecer a partir de seus discursos e vão se posicionando de acordo com as emoções despertadas no auditório. Pela análise do *ethos*, *pathos* e *logos*, podemos identificar a eficácia do discurso.

Como a crônica se enquadra nos textos literários, podemos analisar o *ethos* de duas perspectivas diferentes. Na do cronista, que por meio de um orador fala com o auditório, e na das personagens que são concebidas durante a narração.

O *ethos* do orador é construído, assim que se apresenta, como alguém frustrado e infeliz, que lamenta a fase adulta da vida e para ressaltar o lado nocivo dessa fase, lança mão de palavras com peso negativo: árida, sinistra e plúmbea, que denotam a falta de vitalidade do homem adulto e o peso das responsabilidades.

Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea.

A juventude Zona Sul vai em frente exibindo o seu invejável realce existencial (1995, p.32).

A frustração pode ser percebida pela palavra “invejável” associada à palavra “existencial”. É importante salientar que Aristóteles (2012) já vê a inveja como uma paixão suscitada naqueles que perdem algo ou desejam o que não têm. Este é o caso do orador, que perdeu a juventude e por isso sente inveja dos que a têm.

Na perspectiva da análise do *ethos* das personagens, podemos observar que o ponto de vista e a voz do cronista remetem à da personagem Cristina que vê a passagem de uma fase a outra como algo dramático.

(orador) Sei que a experiência é traumatizante.

(Cristina) Você tinha que dar a notícia com cuidado... você traumatizou o garoto (1995, p.32-33).

Essa personagem apresenta-se como imagem do estereótipo de mãe, que protege seu filho diante dos problemas que ele precisa enfrentar. Ela é calma, conciliadora e é quem controla os problemas da família.

A mãe foi ao filho, determinada, e tirou-lhe o headphone dos ouvidos.

Correu para os braços da mãe e começou a chorar em seu ombro.

Mas não é assim. Você tinha que ir preparando o garoto aos poucos (1995, p.33).

A personagem Alfredo, o pai, constrói seu *ethos* paulatinamente. Primeiro como alguém inseguro, que se aproxima do filho com a intenção de lhe trazer uma importante notícia, mas hesita e tem medo da reação do filho. Não se apresenta com convicção diante do que irá dizer.

Escuta, filho, eu não sei como lhe dizer... você está fazendo 21 anos... sei que é duro mas... mas a vida é assim mesmo.

O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto! (1995, p.32-33).

Depois, apresenta-se como alguém que impõe suas opiniões a fim de atingir seus objetivos.

O pai foi inflexível.

Não, filho. Você tem que conhecer o outro lado da vida... A vida não é só som e patins. Eu arranjei um emprego (1995, p.34).

No decorrer do discurso, apresenta-se aparentemente calmo, mas também conformado. Diante dos questionamentos do filho, não responde às perguntas.

Escuta, filho – disse o pai tentando manter a calma.

Vai, vai, filho. Depois nós conversamos sobre isso. Vamos ter muito que conversar. Você é um recém-chegado no mundo dos adultos. Está confuso, ainda tem muito que aprender. Vá botar o terno (1995, p.34-35).

A imagem honesta que tenta construir durante o discurso se desfaz quando suas atitudes vão ao encontro do estipulado pela sociedade, o que ratifica a fala de Aristóteles (2012) de que o *ethos* se constrói no próprio discurso. Ficam explícitos os sentidos paradoxais do *ethos* do pai, o qual se volta às virtudes da benevolência diante do filho, dos cuidados e proteção, mas deixa predominar o sentido social, os costumes e hábitos.

Excelente, filho. Agora estou orgulhoso de você, você tá com cara de adulto. (1995, p.36).

Na última fala, apresenta seu verdadeiro *ethos*: interesseiro, egoísta, pois indica que todos os argumentos são elaborados para que possa assumir a função de “jovem” da família.

Alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.36).

Diante deste comportamento, podemos inferir que há uma contradição entre sua fala e atitude, o que gera insegurança no auditório, pois

os oradores inspiram confiança, se seus argumentos e conselhos são sábios, razoáveis e conscientes, se são sinceros, honestos e equânimes e se mostram solidariedade, obsequiedade e amabilidade para com seus ouvintes (ARISTÓTELES apud EGGS, 2011, p.37).

Já a personagem Otávio constrói seu ethos a partir da expectativa gerada no auditório, quando o orador o apresenta. Já se espera que seja um jovem que vê a vida como um recreio, conforme o próprio narrador fala:

O garotão deslizava na sala de um lado para outro experimentando seus novos patins.

O garotão parou a um canto, fechou os olhos e começou a se contorcer, como se acompanhasse alguma música. O pai olhou à volta, apurou o ouvido e não escutou nada.

A mãe foi ao filho, determinada, e tirou-lhe o headphone dos ouvidos (1995, p.32-33).

O ethos do menino é o ethos não de um indivíduo apenas, mas de uma geração. É o estereótipo da juventude que está alienada diante dos problemas sociais e políticos e tem seus aparelhos eletrônicos como cúmplices do egocentrismo, da solidão e da cegueira. Diante dessa situação, o cronista emprega o humor como recurso, porque este pode estar “diretamente ligado aos caminhos seguidos pelo homem para encontrar e explicar o mundo” (ALBERTI, 2011, p.12) e Otávio é o exemplo usado para elucidar o estado de inércia de alguns jovens que não têm força para lutar a favor de seus ideais.

A partir dessa construção do ethos, o garoto, vai se revelando por meio do logos e se apresenta como alguém dependente e medroso, que não quer enfrentar as novas circunstâncias da vida. Ferreira (2012, p.11) reflete sobre a paixão do medo e nos ajuda a analisar as reações de Otávio provocadas por essa paixão:

(o medo) em qualquer caso, poderoso e rapidíssimo, suspende, desarma e desorienta a razão. Ousado, retira de nós o crivo do ridículo, exacerba a inibição, afugenta a naturalidade e, sem antídoto imediato, instaura o horror.

Nunca está no que conhecemos por zona de conforto e sempre atua nas entranhas humanas

Vemos um garoto que cria a imagem de si como líder da turma, o melhor patinador e diante do medo de enfrentar as dificuldades, o trabalho e ter que sair da “zona de conforto” como diz Ferreira (2012), desestabiliza-se, perde a razão e chora compulsivamente.

Botou as mãos na cabeça e caiu num pranto convulso.
Não! Não! – berrava. – Um adulto, não! Eu não quero ser adulto. Eu não quero! Mamãe, eu não quero (1995, p.33).

Após se refazer do choro, tenta contestar alguns argumentos do pai, e como diz Meyer (2007, p.30) “com a retórica, o eu, o outro e o mundo são implicados em uma interrogação em que o outro é solicitado como auditório, como juiz e como interlocutor, posto que é instado a responder e a negociar” . Seu questionamento é sobre a conduta da sociedade e como ela se impõe sobre o individual. Ser adulto é usar uma determinada roupa e ter o emprego imposto por outrem? O que as pessoas escondem por traz de tudo isso?

Eu nunca botei um terno... Por quê? Por que tem que ser de terno? Eu não entendo... por quê?.

Ou será que os adultos usam essas roupas exatamente para dar a impressão de que eles são tudo aquilo que não são?

Que tem eu ir de tênis?

Que coisa horrível esse negócio de sapato, pai. Parece mais um instrumento de tortura (1995, p.35-36).

Grácio (2011, p.42) atesta que o senso comum provoca uma passividade diante das exigências da vida, mas é esse autor quem nos mostra também que, simultaneamente a essa passividade, o senso comum constitui “a possibilidade de todo questionar e problematizar correspondente às exigências da criatividade humana e da transformação das condições de vida”.

Mesmo diante de seus questionamentos, o menino cede aos argumentos do pai e resignado obedece sem apresentar mais contra-argumentos, o que demonstra que também se enquadra no conformismo social.

O *ethos* das diferentes personagens auxilia na relação com o auditório e provoca paixões diferentes no decorrer do discurso. No exórdio, podemos falar em questionamentos, aprovações em relação ao que é apresentado pelo orador.

Na narração, o *pathos* pode suscitar no auditório a aprovação, ou discordância no tocante à posição do pai, como à atitude do filho, ou ainda ao que se refere à mãe cujo comportamento agrada a sociedade, mas a mostra passiva, como se não quisesse assumir uma posição coerente. Em suma, é o *pathos* que liga os valores compartilhados entre o *ethos* e o auditório e mobiliza este em favor ou não das premissas apresentadas.

Paixões apresentadas por Aristóteles, como a inveja, o medo, e a indignação estão presentes na crônica e se movimentam de uma personagem para a outra, conforme o discurso se desenvolve. A inveja está presente no orador no que concerne à juventude.

O medo também está presente em todas as personagens: a mãe tem medo de que o filho fique traumatizado; o pai tem medo de que o filho não assuma o papel esperado na sociedade, assim como também tem medo de assumir seus próprios ideais diante dos outros membros da família; o filho tem medo de sair da zona de conforto na qual se encontra e enfrentar os novos desafios da vida.

A indignação está presente no auditório, na peroração, diante do inesperado que é a atitude do pai. Ela provoca repulsa, pois essa personagem gozará de uma felicidade, depois de usar um discurso falacioso para conseguir seu objetivo.

Enquanto o auditório é movido por paixões, emoções e opiniões, o *logos* é o trabalho sobre a elaboração do discurso e é responsável pelas perguntas a serem respondidas pelo *ethos*. Na crônica em questão, apresenta perguntas explícitas, como em:

ou será que os adultos usam essas roupas exatamente para dar a impressão de que eles são tudo aquilo que não são? (1995, p.35).

e também sugere perguntas implícitas sobre o conformismo e papéis sociais aos quais o indivíduo cede para se enquadrar na sociedade e ser aceito por ela. O auditório se percebe questionado diante do *logos*, que o motiva a buscar a compreensão para essas interrogações.

3.2.2.3- Recursos persuasivos: argumentos, operadores argumentativos, figuras e humor.

Nas discussões diárias, o homem busca a persuasão do auditório e, muitas vezes, uma tomada de decisão imediata. É, neste cenário, que a argumentação ocorre nesta crônica, na qual o pai, Alfredo, tenta persuadir seu filho, Otávio, a assumir sua maturidade, trocar de roupa e sair para trabalhar. Novaes, a fim de explicitar a argumentação presente no diálogo entre as personagens, apoia-se em alguns recursos e técnicas, como os argumentos, os operadores argumentativos, as figuras e o próprio humor.

Dentre os tipos de argumentos, o orador lança mão dos argumentos de incompatibilidade, argumentos quase lógicos, que apresentam a impossibilidade de dois fatos ocorrerem simultaneamente. No discurso, o orador apresenta ao auditório a impossibilidade de viver as mesmas emoções na fase adulta como se vive na juventude e considera para a adesão do auditório os conhecimentos trazidos pela cultura e pelo senso comum.

Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais (1995, p.35).

No final do discurso, há uma quebra de expectativas que contraria aquilo já explicitado, pois a personagem Alfredo tem uma atitude adversa à esperada.

O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho.

Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.36).

Emprega-se, então, o argumento do ridículo, pois o pai imita as atitudes do filho e reproduz, inclusive, o argumento que ele mesmo havia condenado.

Ainda como argumento quase lógicos, podemos apontar o argumento pelo sacrifício, quando o diálogo do pai se pauta no sacrifício do filho em se desnudar da juventude e vestir as roupas do adulto a fim de poder ingressar nesse novo mundo que se abre com a maturidade e satisfaz os anseios da sociedade.

O mundo dos adultos é diferente – prosseguiu o pai explicativo. – Para você poder entrar, ele exige traje passeio completo. Vai lá dentro e bota o terno que sua mãe comprou (1995, p.34).

No que concerne aos argumentos fundados na estrutura do real, apontamos os pragmáticos, os de essência e os de nexos simbólicos.

Identificamos os pragmáticos, que são argumentos que permitem apreciar um acontecimento em virtude de suas consequências. Quando o orador apresenta, no exórdio, seu posicionamento diante do ritual de passagem, é em virtude das consequências negativas e sofridas que ele o faz, e essa apresentação é pautada em fatos verossímeis, o que traz confiança ao auditório.

Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea. E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude. Tenho certeza de que esse é o momento mais difícil na vida de um jovem de hoje: atravessar a fronteira da juventude para a idade adulta, duas terras que nunca estiveram tão distantes (1995, p.32).

Com esse argumento pragmático, o orador atinge seu objetivo, pois leva em consideração uma premissa proposta por vários autores, que é a importância de se conhecer o auditório a fim de adaptar-se a ele e seduzi-lo, já que a opinião desse auditório dependerá do meio social e das pessoas com quem vive.

Quanto ao argumento de essência, podemos inferir que todo o discurso nesta crônica é desenvolvido e baseado na essência do homem, o qual está em constante evolução e passa de uma fase da vida a outra: infância, adolescência, juventude, fase adulta, velhice. Sem esse mote não teríamos o questionamento do orador e por fim, não teríamos o próprio discurso.

O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto!

Não! Não! – berrava. – Um adulto, não! Eu não quero ser adulto. Eu não quero! Mamãe, eu não quero. (1995, p.33)

Já os nexos simbólicos estão ligados ao pathos e a seu conhecimento social e cultural, por isso o orador inicia convocando o auditório a concordar que é difícil para o jovem deixar a juventude e assumir todas as responsabilidades da vida adulta, argumentação a partir da qual todo o discurso é desenvolvido.

Tenho certeza de que esse é o momento mais difícil na vida de um jovem de hoje: atravessar a fronteira da juventude para a idade adulta, duas terras que nunca estiveram tão distantes (1995, p.32).

No tocante aos argumentos que fundam a estrutura do real, podemos destacar os de exemplo, pois o orador a fim de seduzir o auditório e convencê-lo quanto à sua argumentação, generaliza a situação do drama passado por um jovem, como se todos os jovens passassem pela mesma situação.

Sei que a experiência é traumatizante porque tenho um amigo que a viveu com seu filho de 20 anos (1995, p.32).

Também o argumento de comparação é uma técnica usada pelo orador, explícita e implicitamente, durante todo o discurso, para justificar a premissa: juventude e fase adulta “duas terras que nunca estiveram tão distantes”. Compara essas duas fases e assinala as diferenças entre elas, sempre dando o peso negativo para a fase adulta.

Sendo assim, a juventude Zona Sul vai em frente exibindo o seu invejável realce existencial.

Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea.

Não! Não! – berrava. – Um adulto, não! Eu não quero ser adulto.

Você pensa que é fácil para um jovem que vê o mundo de um ringue de patinação, de cima de uma prancha de windsurf, de repente ouvir que já é um adulto? Saber que vai ter de votar? Preencher declaração de Imposto de Renda? Trabalhar? É duro, Alfredo, é duro... (1995, p.32-33).

Além dos argumentos de ligação, o orador usa os de dissociação, que “são aqueles que procuram solucionar uma incompatibilidade do discurso para restabelecer uma visão coerente da realidade”. (FERREIRA, 2010, p.167) Esse argumento percorre todo o discurso, pois há uma busca de equilíbrio entre as falas e ações das personagens, o que se associa à teoria da dissonância cognitiva, a qual afirma que quando nossas atitudes são incoerentes em relação às nossas ações, somos motivados a criar uma coerência e associar ação e atitude. (MYERS, 2011)

Para contribuir com a argumentação, o cronista lança mão de operadores argumentativos, que têm a função de conduzir à conclusão desejada.

Como o autor deseja que o leitor faça uma reflexão sobre o papel do jovem e do adulto na sociedade e veja a juventude muito mais prazerosa, introduz, já no primeiro parágrafo, um conectivo condicional para despertar esse questionamento.

“O mundo seria muito mais saudável”, afirma outra gatinha, “se os nossos governantes andassem de tênis e camiseta”. (1995, p.32)

O orador emprega uma quantidade significativa de operadores que introduzem conclusões contrárias às apresentadas, para ratificar as ideias do cronista, as posições do pai e do filho, que se contrapõem durante todo o discurso.

Infelizmente, porém, a terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea.

Sei que é duro mas... mas a vida é assim mesmo”.

Mas não é assim.

Sinto muito, filho, mas não vou ficar sustentando um marmanjo de 21 anos. Sei que não é fácil... É o seu primeiro dia como adulto. Mas... não é bem assim.

... o paletó no lugar, todo arrumadinho, mas sem gravata e de tênis. O pai chiou!

Finalmente estava tudo no seu lugar, apesar de o garotão andar todo torto. (1995, p.32-36. Grifo nosso)

O operador “porque”, introduz justificativa ou explicação e é usado apenas duas vezes, embora o texto apresente muitos questionamentos. Essa escolha se dá, provavelmente, porque as indagações presentes sobre a sociedade são perguntas retóricas que não apresentam respostas, apenas propõem reflexões.

Na primeira aparição, esse operador é usado para apresentar o argumento de exemplo e, na segunda, apresentar autoritarismo do adulto em relação ao jovem.

Sei que a experiência é traumatizante porque tenho um amigo que a viveu com seu filho de 20 anos.

Porque é assim que os adultos andam, filho (1995, p.32-35).

Quanto aos operadores que introduzem os conteúdos pressupostos, há presença significativa dos operadores “já” e “agora” Essa escolha valida a ironia do orador sobre o imediatismo.

De repente ouvir que já é um adulto? (1995, p.32-33)

Podemos observar a insistência do pai em afirmar, ironicamente, que há um momento determinado para a mudança de fase: “agora”, “já” e o filho, por sua vez, para impor a opinião contrária, usa o mesmo operador “agora”.

O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto!.
Você me botou no mundo. Eu não tive escolha. Agora guenta (1995, p.32-33, grifo nosso).

Já o operador “ainda”, ratifica a ideia de continuidade proposta para o entendimento das mudanças de fases e do que isso acarretará.

Está confuso, ainda tem muito que aprender. (1995, p.32)

O orador, por meio do operador argumentativo “ou”, traz o questionamento da hipocrisia apresentada pela sociedade camuflada em roupas e atitudes e mostra que de fato nenhum texto é imune à ideologia.

Ou será que os adultos usam essas roupas exatamente para dar a impressão de que eles são tudo aquilo que não são? (1995, p.35).

Ainda como recurso argumentativo, o cronista apresenta diferentes figuras por meio das quais dá ênfase à emoção a fim de auxiliá-lo na construção de sentido. Entre as figuras apresentadas, a metáfora é usada como figura de escolha na intenção de provocar o riso e qualificar termos selecionados pelo autor, também é usada como figura de comunhão, pois aproxima o orador do auditório já que remete a traços culturais e linguísticos dos dois. Podemos verificar essas intenções nos seguintes trechos:

A vida é um recreio. Como disse uma gatinha.

E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude.

Atravessar a fronteira da juventude para a idade adulta.

Dentro do uniforme oficial dos gatões.

O mundo para ele era do tamanho de uma lanterna.

Vê o mundo de um ringue de patinação, de cima de uma prancha de windsurf.

A vida não é só som e patins (1995, p.32-34).

Durante todo o discurso, o orador apresenta-nos a ironia, que em determinados momentos se mostra cruel e em outros, engraçada, assim como nos mostra Reboul (2004).

Por que não? – esbravejou o garotão. – Você me botou no mundo. Eu não tive escolha. Agora guenta. Além do mais, você deveria se sentir orgulhoso de financiar minha vida: sou o melhor patinador que tem no Roller.

Porque é assim que os adultos andam, filho. Os adultos são pessoas sérias, honestas, incorruptíveis, democráticas, pacifistas... devem usar roupas adequadas... (1995, p.32-35)

A ironia ratifica o posicionamento do orador no que se refere à vida, assim como suas críticas às convenções impostas pela sociedade. Segundo Minois (2003, p.65), Sócrates já havia nos revelado essa perspectiva da ironia:

A grande lição do riso socrático é que nós acreditamos saber das coisas quando não sabemos de nada. Preconceitos, convenções, erros, crenças infundadas: tudo isso é solúvel na ironia socrática. E o que resta? Apenas a ironia. Sócrates não trouxe verdade positiva à humanidade. Porém, trouxe-lhe muito mais: a ironia como sabedoria, com estilo de vida, a ironia que dissipa as miragens, a ironia que nos torna lúcidos e destrói falsas verdades.

É possível inferir que a grande ironia nesta crônica se encontra na contradição dos estereótipos do pai e do filho, pois ambos iniciam seu discurso impondo posicionamentos e, ao término do mesmo, assumem papéis trocados. O filho sai para trabalhar e o pai vai andar de skate. O que ressalta a hipocrisia burguesa e consolida o discurso dominante.

Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.36).

Por meio da ironia, o orador faz os questionamentos, propõe a reflexão e apresenta seu posicionamento diante do tema proposto por ele, além de provocar o humor.

O orador expõe o que pensa sobre o caráter do homem e mostra a existência de uma passagem fictícia entre as fases da vida que têm como marco não a maturidade, mas a idade do ser humano, além de apresentar ironicamente a mudança entre as fases pela troca das roupas.

O que quero lhe dizer, meu filho, é que agora... agora você já é um... como direi?... um adulto!

O mundo dos adultos é diferente – prosseguiu o pai explicativo. – Para você poder entrar, ele exige traje passeio completo.

Os adultos são pessoas sérias, honestas, incorruptíveis, democráticas, pacifistas... devem usar roupas adequadas....

Você é um recém-chegado no mundo dos adultos.

É o seu primeiro dia como adulto (1995, p.33-35).

Outra figura presente na crônica é a figura da repetição, figura de presença, que objetiva ratificar o objeto do discurso para o auditório. Encontramos a palavra juventude quatro vezes, só no primeiro parágrafo, além de outras palavras que nos remetem a ela, como “gatinha”, “jovem”, “tênis e camiseta”. O orador usa esses termos sempre com a conotação positiva, para apresentar ao auditório o que é desenvolvido no decorrer do texto: a juventude é a melhor fase da vida de um homem.

A juventude parece ter descoberto algo de que sempre desconfiei: a vida é um recreio. Como disse uma gatinha de 17 anos entrevistada por um semanário, “só há duas coisas na vida: som e patins”. Sendo assim, a juventude Zona Sul vai em frente exibindo o seu invejável realce existencial. “O mundo seria muito mais saudável”, afirma outra gatinha, “se os nossos governantes andassem de tênis e camiseta” (1995, p.32).

O autor também usa essa figura para mostrar que ser adulto não é fácil.

[...] de repente ouvir que já é um adulto? Saber que vai ter de votar? Preencher declaração de Imposto de Renda? Trabalhar? É duro, Alfredo, é duro... (1995, p.33, grifo nosso).

A fim de reforçar essa premissa, o orador emprega a antítese para contrapor a fase adulta à juventude:

A terra dos adultos continua sendo aquela coisa árida, sinistra e plúmbea. E é nesta praia que a garotada vai acabar desembarcando quando terminar a pilha da juventude.
Tenho certeza de que esse é o momento mais difícil na vida de um jovem de hoje: atravessar a fronteira da juventude para a idade adulta.
Você e mamãe trabalhando e eu me divertindo (1995, p.32).

Durante todo o texto, o orador apresenta essa visão pessimista no que diz respeito à fase adulta e não deixa perspectiva de que haverá mudança, pois, para ele, a sociedade sempre foi assim e sempre o será. Como argumento para essa posição, utiliza-se de outra figura, a alusão, figura de comunhão, que pretende a adesão do auditório, por meio da invocação à sua cultura, à tradição.

Quando virei adulto o mundo já era assim. Dê um tempo, filho... Com o tempo você vai continuar sem entender, mas já não vai se importar mais (1995, p.35).

Simultaneamente à técnica argumentativa, o autor explora o humor por meio de diferentes teorias. Entre elas citamos a teoria da incongruência, que justifica o riso como reação às ações inesperadas ocorridas na peroração.

Excelente, filho. Agora estou orgulhoso de você, você tá com cara de adulto. Pode ir para o seu trabalho... e boa sorte.
O pai foi ao seu quarto, calçou um tênis, uma camiseta, um jeans, pegou os patins de Otávio e foi saindo de mansinho. A mulher flagrou-o da porta da cozinha.
- Que é isso, Alfredo? Aonde é que você vai assim?
- Cristina, alguém precisa se divertir nessa casa (1995, p.36).

Após questionar a vida do jovem e impor-lhe as regras sociais e culturais, o pai assume o papel do filho e o filho assume o papel do pai na sociedade, que, segundo Bergson (2001), é um processo de comicidade, chamado de inversão – “mundo às avessas” – o qual se dá quando há troca de papéis nas relações sociais.

Essa crônica também vai ao encontro das ciências sociais, que analisam o riso em seu caráter transgressor. “Ao riso e ao risível seria reservado o direito de transgredir a ordem social e cultural” (ALBERTI, 2011, p.30).

Para França (2006) e Travaglia (1990) também o riso tem essa conotação infratora, de violação das normas sociais.

O humor está ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, o controle social e o impedimento de prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sociocultural; de outras formas da verdade e da criatividade (TRAVAGLIA,1990, p.66).

O riso está presente no auditório/leitor, na peroração, diante do inesperado que é a atitude do pai, pois como afirma Alberti (2011), o humor gerado pelo discurso é uma técnica de adesão e conquista do auditório, além de proporcionar a liberdade do pensamento contra o impensado e as regras socioeconômicas e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou como tema principal os artifícios retóricos como forma de sedução nas crônicas humorísticas: “A Momolândia”, de Max Nunes (1996) e a “A Idade da Pedra”, de Carlos Eduardo Novaes (1995). Investigamos as diferentes técnicas e recursos que os retores empregaram em seus discursos a fim de seduzir o auditório e provocar-lhes aceitação. Nosso estudo levou em conta que não há dissociação entre a subjetividade expressa nos discursos analisados e a objetividade das teorias apresentadas.

Consideramos como questionamentos:

- *Há técnicas específicas para provocar o humor na crônica?*
- *A argumentação e o humor podem ser explorados simultaneamente em um discurso?*

A fim de responder se há técnicas específicas com o objetivo de provocar o humor na crônica, fizemos um levantamento dos principais artifícios explorados por Max Nunes e Carlos Eduardo Novaes nas crônicas “A Momolândia” e “A Idade da pedra” e obtivemos o seguinte quadro:

	MAX NUNES	CARLOS EDUARDO NOVAES
Espaço retórico: gênero, raciocínio e estilo.	Gênero: epidítico	Gênero: epidítico
		Gênero deliberativo
	Raciocínio dialético	Raciocínio dialético
	Raciocínio apodítico	Raciocínio apodítico
		Raciocínio sofisticado
	Estilo simples, claro e agradável	Estilo simples, claro e agradável
	Subjetivo	Subjetivo
Sistema retórico	Provas extrínsecas	Provas éticas, patéticas e extrínsecas.
	Lugar: contrário	Lugar: qualidade, juventude, prazer e ordem.

Figuras	Metáfora	Metáfora
	Antítese	Antítese
	Alusão	Alusão
	Ironia	Ironia
	Repetição	Repetição
	Epíteto	
	Hipérbole	
Operadores	Que levam a conclusões contrárias	Que levam a conclusões contrárias
	Que introduzem conteúdo pressuposto	Que introduzem conteúdo pressuposto
	Que somam argumentos da mesma classe	Que indicam uma justificativa ou explicação
	Que introduzem uma conclusão	Que indicam uma condição
Argumentos	<u>Quase lógicos:</u> Contraditórios Incompatibilidade Ridículo Definição (normativa) Definição (descritiva)	<u>Quase lógicos:</u> Sacrifício Incompatibilidade Ridículo
	<u>Baseados na estrutura do real :</u> Sucessão Autoridade	<u>Baseados na estrutura do real:</u> Pragmático Essência Nexos simbólicos
		<u>Fundam a estrutura do real:</u> Exemplo Comparação
	Dissociação	Dissociação

HUMOR	Incongruência	Incongruência
	Caráter transgressor	Caráter transgressor
	Duplo sentido ou jogo de palavras – polissemia e ambiguidade	Inversão
	Por meio de neologismos / abreviação	
	Inconsciente e inesperado: Conhecimento cultural	Inesperado
	Jogo linguístico	
	Inferências	
	Recorrência à memória	

Quadro 2 – demonstrativo de técnicas

Fonte: o autor

A conclusão a que chegamos após identificar os artifícios retóricos é de que, embora tenhamos autores com estilos diferentes e com crônicas escritas em épocas distintas, é possível verificar a predominância de técnicas semelhantes com pequenas variações devido aos temas desenvolvidos.

Há, nas crônicas analisadas, uma ocorrência maior de figuras como a metáfora e a ironia, figuras de escolha e de comunhão, que aproximam orador e auditório, pois levam à reflexão e permitem associações de termos semelhantes os quais pertençam ao universo do auditório. Há também a presença do gênero epidítico, pelo próprio estilo atraente; dos raciocínios dialéticos e apodíticos, que partem de premissas prováveis ou verdadeiras e, nesse sentido, também aproximam o orador do auditório; de provas extrínsecas usadas para assegurar a veracidade dos fatos abordados; de operadores que apontam conclusões contrárias e ratificam as antíteses apresentadas: Momolândia / Brasil e Fase adulta / juventude, e de argumentos de incompatibilidade, do ridículo, apresentados pela própria ironia, e de dissociação, prestígio do professor e incoerências entre fala e ação no texto de Carlos Eduardo Novaes.

Quanto às técnicas próprias do humor: a incongruência e o caráter transgressor foram utilizados pelos dois cronistas. E podemos inferir que os artifícios

retóricos que surpreendem o auditório por apresentar dados não esperados, ou com sentidos contrários àqueles previstos, corroboram mais para o humor. Por isso, há uma incidência maior deles nesse gênero.

A articulação intra e entre as partes do discurso, *inventio, dispositio, elocutio e actio*, é a principal responsável na persuasão dos diferentes auditórios. Pois, no momento em que o orador se propõe a elaborar seu discurso, ele o faz como se montasse um grande quebra cabeça. O orador parte da intencionalidade presente em todo discurso e articula adequadamente as informações destinadas a um auditório.

Pudemos observar que os oradores ponderaram os diferentes artifícios dispostos e escolheram os que mais os aproximariam do auditório. Embora os dois textos tivessem o mesmo gênero literário, crônica humorística, tinham um auditório diferente, provavelmente, com faixas etárias distintas, por isso, os retores, tiveram o discernimento, na *inventio*, de identificar o gênero adequado, encontrar os tipos de argumentos, apontar as provas a serem usadas e os lugares onde se encontrariam esses argumentos. Depois lançaram mão dos artifícios selecionados, para organizá-los em quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração. Essa estrutura ratifica a teoria vista no capítulo I.

Outro objetivo que tínhamos com este estudo era responder à indagação quanto à exploração simultânea da argumentação e do humor em um único discurso. Pudemos constatar que o gênero crônica humorística não se limita a fazer humor com fim em si mesmo, nem tem o propósito de apenas argumentar. Tem, sim, um caráter transgressor, busca denunciar a realidade por meio da comicidade. O humor e argumentação se fundem em um único discurso e dizem seus limites

Nesse gênero, a argumentação está centrada principalmente no próprio discurso, o que corrobora a identificação das críticas subliminares presentes e provoca no auditório um posicionamento, mesmo que esse seja o próprio riso. Pudemos constatar, nas duas crônicas analisadas, que a proposta da crônica humorística é gerar o riso e provocar uma reflexão ou discussão sobre o tema, por isso não apresenta uma solução para o problema desenvolvido.

Diante dos estudos feitos, depreendemos que a análise retórica contribui para uma melhor compreensão dos propósitos do texto e do orador diante dos problemas

abordados no discurso e permite entender o processo de sedução no qual o auditório é envolvido por meio do logos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de Argumentar – Gerenciando Razão e Emoção*. Cotia: Ateliê, 2006.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ALENCAR, José. *O Guarani*. 17ed. São Paulo: Ática, 1992
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Última crônica do poeta. *Jornal do Brasil*, 29/09/1984.
- ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. 5ed. São Paulo: Globo, 2000.
- ARCINE, Raquel. *O papel da memória na produção de um quadro humorístico*. (anais do 4º colóquio Internacional de Estudos linguísticos e Literários). 2010. Disponível em: <http://www.cielle.com.br/downloads/592.pdf>. Acesso em: 10/02/2013.
- ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARISTÓTELES. *Retórica. Obras Completas de Aristóteles*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- BAKHTIN, M. Mikhailovitch Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERGSON, Henri. *O riso - ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- BONIN, Luiz Fernando Rolim. Indivíduo, cultura e sociedade. In STREY, Marlene Neves et al. *Psicologia social contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011
- BURKERT, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- COUTINHO, Eduardo. *A crônica de Rubem Braga: os trópicos em palimpsesto*. *Revista Signótica*, v. 18, n. 1, p. 51, jan./jun. 2006
- DIAS, Reinaldo. *Sociologia Geral*. São Paulo: Alínea, 2010.
- EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In AMOSSY, Ruth(org). *Imagens de si no discurso, a construção do ethos*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão – princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

- _____. Contornos retóricos do medo. In MAGALHÃES, Ana Lúcia; FERREIRA, Luiz Antonio (org.). *A retórica do medo*. Franca SP: Cristal, 2012.
- FERREIRA, Sandra. A poesia do perecível. In: *Jornal Proleitura*. UNESP: Ano 5. n. 20, junho de 1998.
- FRANÇA, Maria Teresa Rego de. A retórica do riso nas crônicas de José Simão. In MOSCA, Lineide Salvador. *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- GRÁCIO, Rui Alexandre. *Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didáticas*. 2011. Doutorado em Ciências da Comunicação - área de conhecimento em Semiótica da Comunicação. Universidade de Minho. Disponível em; <http://hdl.handle.net/1822/12486>. Acesso em: 10/03/2013
- GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje*. 3ed São Paulo: Humanitas, 2004.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KOCH, Ingedore Grufeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MACEDO, Roberto. Salário mínimo e distribuição de renda no Brasil. *Estudos Econômicos*, São Paulo: FIEP/USP, v.11, n.1, p, jan./mar. 1981.
- MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth(org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3ed. São Paulo:Contexto, 2006
- MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2004, 3ed.

MOUTA, Margarida. Os jogos de linguagem e a aquisição de uma “competência humorística” em PLE. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* – Vol. 2 – 2007.

MYERS, David G. *Psicologia*. Rio de Janeiro: LTC, 7ed. 2011

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995.

NUNES, Max. *Uma pulga na camisola* – o máximo de Max Nunes. Seleção e org.

CASTRO, Ruy. São Paulo: Companhia das Letras: 1996

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. *D.E.L.T.A*, v.6, n.1, 1990, p. 55-82

_____. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Estudos linguísticos e literários*. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, 1992.

TRENTIN, Raquel Camargo. *Um estudo de “frases engraçadas” que versam sobre bebida: construção de sentido e ethos*. Dissertação. Mestrado em estudos Linguísticos. Vitória: PPGEL, 2012.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>. Acesso em: 16/02/2013.

<http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/politica/2842-documentos-achados-em-fazenda-revelam-faces-da-ditadura>. Acesso em: 01/04/2013.

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=tubar%u00e3o>. Acesso em 20/03/2013.

<http://warj.med.br/mit/> acesso em: 05/13/ 2013.

<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp30art07>. acesso em 22/07/2013.